



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEGURANÇA PÚBLICA

Percepção da Violência Escolar: Atuação do Gestor Público e Privado

Raimundo Roberto Santos França

Belém-PA
2016

Raimundo Roberto Santos França

Percepção da Violência Escolar: Atuação do Gestor Público e Privado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Segurança Pública, da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial para obtenção do Grau de Mestre em Segurança Pública.

Área de Concentração: Segurança Pública

Linha de Pesquisa: Conflitos, Criminalidade e Tecnologia da Informação.

Orientadora: Profa. Silvia dos Santos de Almeida, Dra.

Coorientador: Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, Dr.

Belém-PA
2016

Percepção da Violência Escolar: Atuação do Gestor Público e Privado

Raimundo Roberto Santos França

Esta Dissertação foi julgada e aprovada, para a obtenção do grau de Mestre em Segurança Pública, no Programa de Pós-graduação em Segurança Pública, da Universidade Federal do Pará.

Prof. Edson Marcos Leal Soares Ramos, Dr.

(Coordenador do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da UFPA)

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Silvia dos Santos de Almeida
Universidade Federal do Pará
Orientadora

Profa. M.Sc. Adrilayne dos Reis Araújo
Universidade Federal do Pará
Avaliadora Interna

Prof. Dr. Edson Marcos Leal Soares Ramos
Universidade Federal do Pará
Coorientador

Prof. Dra. Maély Ferreira Holanda Ramos
Universidade Federal do Pará
Avaliador Externo

Profa. Dra. Fernanda Valli Nummer
Universidade Federal do Pará
Avaliador Interno

Dedicatória

A Sra. Léa dos Santos França, minha querida mãe que faleceu já na fase final desta pesquisa, por não ter em nenhum momento de sua vida, fraquejado ou relutado a vencer as dificuldades e limitações principalmente financeiras para estudar, concluindo o Curso de Licenciatura em Geografia pela Universidade Federal do Pará, e ainda servido de referência e esteio para minha educação e de meus dois irmãos. Grande incentivadora do estudo acadêmico, motivou e contribuiu para a realização deste trabalho, o qual dedico a esta mulher determinada, destemida e amável.

Muito obrigado Léa Santos. Minha querida e adorável mãe. Que Deus a tenha ao seu lado.

Agradecimentos

Ao nosso grande arquiteto do universo, responsável por nossa saúde, inteligência e sabedoria, possibilitando a compreensão da necessidade da árdua produção do conhecimento acadêmico para nossas atividades profissionais.

A minha querida esposa, Silvia Michele França, companheira, amiga e colaboradora, que além de motivar constantemente, compreendeu a necessidade dos momentos de minha dedicação e de minha ausência do seio familiar em prol deste trabalho de pesquisa.

A minha apaixonante filha, Roberta Melissa que, sem dúvida, na qualidade de estudante, serviu de inspiração a buscar investigar os fenômenos apresentados na presente dissertação.

A minha orientadora Profa. Dra. Silvia dos Santos de Almeida que de forma brilhante, competente e paciente, orientou a construção da presente dissertação.

A todos os professores do Programa de Pós-graduação em Segurança Pública da UFPA, grandes responsáveis pelo direcionamento teórico e metodológicos para a elaboração deste trabalho.

Aos meus comandantes, pares e subordinados da Polícia Militar do Pará, pela compreensão, motivação e colaboração para a realização desta produção científica.

A Profa. M.Sc. Socorro Barreto pelos momentos de discussões, reflexões e sugestões que enriqueceram o conteúdo do trabalho científico.

E, finalmente, aos sujeitos participantes da pesquisa, em especial às gestoras de ambas as escolas pesquisadas pela gentileza na colaboração na coleta dos dados junto a toda sua equipe gestora.

“A Escola, por exemplo, não cria violência sozinha, apenas reproduz a violência dentro dela. Mas também pode ser um meio de diluí-la se atuar com conteúdos que ofereçam sentido à vida dos alunos.”

Mário Sérgio Cortella

FRANÇA, Raimundo R. S. **Percepção da violência escolar: Atuação do gestor público e privado.** Belém, 2016. 65 p. Dissertação (Mestrado em Segurança Pública) - Programa de Pós-Graduação em Segurança Pública - PPGSP, Universidade Federal do Pará, 2016.

RESUMO

Neste trabalho é investigada a percepção da violência sob a ótica da gestão escolar em duas escolas do Município de Castanhal no Estado do Pará, tendo como objetivo realizar um comparativo entre as escolas pública e privada. Para tal utiliza-se a técnica estatística de análise descritiva por meio de gráficos. Os resultados surgiram a partir da pesquisa de campo, por meio da entrevista semiestruturada com abordagens de natureza qualitativa e quantitativa, bem como análise documental dos livros de ocorrências das escolas, tudo ancorado e consubstanciado pela incursão bibliográfica que dá base teórica ao estudo. Os resultados do trabalho apontaram que a violência tem aumentado de forma progressiva e os ambientes escolares não estão imunes a este fenômeno, repercutindo no aumento de crimes e de incivildades nas escolas. A violência escolar não é decorrente apenas da relação entre alunos. Gestores e professores também praticam atos violentos, mesmo que simbólicos. Os atos de indisciplinas, ameaça e bullying foram os mais registrados nas escolas, sendo esses dois últimos os mais perceptíveis pelos gestores que também percebem que a violência escolar possui maior frequência no nível fundamental de ensino. No que tange às medidas adotadas pelos gestores no enfrentamento à violência, os da escola particular percebem que tanto o controle da entrada e saída quanto o uso do uniforme são as medidas mais preventivas, já para os gestores da escola pública, a mediação de conflitos é a medida preventiva de maior percepção. Como medidas imediatas adotadas na resolução da violência na percepção dos gestores de ambas as escolas, estão a mediação de conflitos, o acionamento dos pais e o acionamento da polícia militar a qual também atua de forma preventiva através de rondas escolares e do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)

Palavra-Chave: Violência Escolar; Bullying; Mediação de Conflitos.

FRANÇA, Raimundo R S. **Perception of school violence: Role of public and private manager**. Bethlehem, 2016. 68 p. Dissertation (Master of Public Safety) - Program of Graduate Studies in Public Safety - PPGSP, Federal University of Pará, 2016.

ABSTRACT

This work investigated the perception of violence from the perspective of school management in two schools in the city of Castanhal in the State of Pará, aiming to carry out a comparison between public and private schools. For this purpose the statistical descriptive analysis technique by means of graphs. The results have emerged from the field research through semi-structured interview with qualitative and quantitative approaches, as well as documentary analysis of occurrences of schools, all anchored and embodied by bibliographical incursion which gives theoretical basis to the study. The results of the work pointed out that violence has increased progressively and school environments are not immune to this phenomenon, resulting in the increase of crimes and of incivilities in schools. School violence is not due only to the relationship between students. Managers and teachers engage in violent acts, even if symbolic. The acts of indisciplinas, threatening and bullying were the most registered in schools, being these last two the most noticeable by the managers who also realize that school violence has increased frequency on the fundamental level of teaching. Regarding the measures adopted by the managers in the fight against violence, the particular school they realize that both the input and output control as the use of the uniform are the preventive measures, the managers of public school, the mediation of conflicts is the preventive measure of greater awareness. As immediate measures adopted in dealing with the violence in the perception of managers of both schools, are mediating conflicts, the parents and the military police drive which also acts in a preventive manner through school rounds and PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)

Keyword: school violence; Bullying; Conflict mediation.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS.....	1
1.1.INTRODUÇÃO	1
1.2.JUSTIFICATIVA.....	2
1.3. OBJETIVOS.....	3
1.4. MÉTODOS.....	3
1.5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	14
CAPÍTULO 2. ARTIGO CIENTÍFICO.....	31
RESUMO.....	31
INTRODUÇÃO.....	33
METODOLOGIA DA PESQUISA.....	34
RESULTADOS E DISCUSSÕES.....	35
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA.....	47
CAPITULO 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	52
APÊNDICE	
A. TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	56
B. QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES DAS DUAS ESCOLAS PESQUISADAS.....	57

CAPÍTULO 1. CONSIDERAÇÕES GERAIS

1.1. INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como: “o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2002). Definição que nos possibilita o entendimento amplo da existência de violência, não havendo barreiras na sua manifestação.

Nessa ausência de barreiras para o acontecimento dos fatos violentos, Camacho (2001, p. 125) verifica, por exemplo, “O crescimento das práticas da violência entre os jovens de classes médias e de segmentos privilegiados da sociedade, nos seus diferentes espaços de atuação: na família, na escola ou na rua”.

Então, aqui se propõem apresentar a percepção dos gestores escolares sobre a violência nas escolas (Pública e Particular) e as medidas implantadas para combater o problema. Sendo necessário responder a seguinte problemática: Qual a diferença de percepção da violência escolar entre equipes gestoras das escolas escolhidas na pesquisa, levando em consideração os aspectos socioeconômicos envolvidos?

E neste sentido a dissertação consta de três capítulos. No primeiro capítulo se apresenta as considerações gerais sobre o tema, subdividida em: introdução, justificativa, objetivos, método e fundamentação teórica. No segundo capítulo consta de um artigo intitulado “Percepção da violência sob a ótica da gestão escolar: Uma análise comparativa entre a escola pública e privada”, com a finalidade de entender como os gestores concebem as situações de violência nas diferentes escolas e as formas adotadas para combater o problema. Finalmente o terceiro capítulo apresenta as considerações finais, apresentando os pontos fundamentais analisados no decorrer da pesquisa.

1.2. JUSTIFICATIVA

Camacho (2001, p. 125) afirma que “é equivocado pensar que a violência se vincula apenas e diretamente à pobreza, aos grandes centros urbanos, aos adultos e aos dias de hoje”. Para o autor, ela está presente em toda a sociedade, se apresenta de várias formas e não se direciona a determinadas classes sociais, faixas etárias ou a momentos históricos.

Partindo desse pressuposto, considera-se que mesmo apresentando realidades diferentes tanto a escola privada quanto a escola da rede pública são prováveis geradoras de violência, especialmente no que diz respeito à estrutura física e social dos alunos a elas pertencentes. Conforme argumenta Loureiro e Queiroz (2005):

O fato de o ensino privado possuir, geralmente, uma estrutura física melhor e apresentar um quadro de professores com uma remuneração mais elevada que os da rede pública não significa que o modo como a aprendizagem é encaminhada em seu espaço esteja voltado para a construção da autonomia dos alunos. O autoritarismo, as ameaças, a desqualificação do aluno podem também fazer parte do cotidiano das escolas particulares. As normas que regem a escola e o funcionamento das classes podem ser extremamente severas e não negociadas com os outros participantes da dinâmica escolar. Com isso, as rebeldias podem emergir como forma de discordância das regras impostas. Na escola particular, as rebeldias ou as indisciplinas também são via de expressão que podem ou não culminar em atos violentos. (LOUREIRO; QUEIROZ, 2005, p. 547).

A violência é uma realidade social, sendo ela dentro ou fora das escolas, portanto, investigá-la, com o intuito de obter dados mais específicos relacionados ao problema é importante e justifica-se porque os atores envolvidos nesse processo precisam entender como ele ocorre com vistas a prevenir ou minimizar os seus efeitos por meio de ações corretas e eficazes, contribuindo desta forma com os órgãos governamentais relacionados e ajudar a melhor direcionar as políticas públicas que envolvam a educação. Neste sentido as instituições superiores desempenham um papel fundamental na investigação e também no desenvolvimento de programas e políticas eficazes para a prevenção da violência interpessoal (OMS, 2006, p. 8).

Sendo assim, o presente trabalho se justifica devido à necessidade de se conhecer a violência escolar e seus efeitos em escolas do município de Castanhal-Pará-

Brasil, da rede pública e privada de ensino. Mostrando assim, porque os atores envolvidos apresentam distintas realidades quanto ao processo de gestão das escolas, porém convivem com manifestações violentas apesar dessa diferença. Possibilitando a obtenção de dados mais específicos relacionados ao problema, e assim, contribuindo com o planejamento e melhores políticas públicas no município em questão.

1.3. OBJETIVOS

1.3.1. Objetivo Geral

Desenvolver estudo comparativo sobre a percepção de violência escolar entre as equipes gestoras de escola pública e privada.

1.3.2. Objetivos Específicos

- a) Identificar os tipos de registros de violência nas escolas;
- b) Apresentar as percepções dos gestores acerca das manifestações de violência nas escolas;
- c) Descrever as estratégias administrativas e pedagógicas que as equipes gestoras das escolas adotam para resolver os casos de violência na escola;
- d) Mostrar as percepções dos gestores quanto a presença da polícia militar no ambiente escolar.

1.4. MÉTODOS

De acordo com Gil (2007, p. 17), pode-se definir pesquisa como “o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”. Minayo (2010, p. 12) destaca que “o objeto de estudo das ciências sociais é histórico. Isto significa que cada sociedade humana existe e se constrói num determinado espaço e se organiza de forma particular e diferente de outras”. Ainda conforme o autor “todas as que vivenciam a mesma época histórica tem alguns traços comuns, dado o fato de que vivemos num mundo marcado pelo influxo das comunicações”.

Para esta dissertação a pesquisa social atende ao que se propôs que foi buscar fatos vividos e com influências do meio, sendo um assunto que contempla as novas demandas da educação. A pesquisa de campo, com abordagem qualitativa e quantitativa foi escolhida para o desenvolvimento do estudo da percepção através de análise de discurso de Abromavay e Rua (2002) e Charlot (2002). Segundo Santos (2009) Quando diversas técnicas se combinam tornam as pesquisas sociais mais precisas e interessantes e a combinação de estratégia quali-quantitativa parece ser mais completo e efetivo.

Os principais objetivos da dissertação foram estruturados a partir de quatro ações: 1) pesquisa bibliográfica sobre violência e violência escolar; 2) estudo de caso em duas escolas (pública e privada); 3) Pesquisa da percepção da violência pelos gestores de ambas as escolas e 4) Análise dos dados coletados.

1.4.1 Procedimentos de Coleta de Dados

O método utilizado foi o estudo de caso, pois o seu foco investigativo está centrado em um tema de grande impacto na atualidade. O percurso de investigação escolhido foi a pesquisa de campo, onde optou-se por abordagens de natureza quali-quantitativa, com a finalidade de obter de forma mais ampla os dados sobre a realidade das escolas, tendo como aporte o referencial teórico pertinente ao objeto de estudo proposto.

Conforme Minayo (2010, p. 57), o método qualitativo pode ser definido como: “o que se aplica ao estudo da história, das relações, das representações, das crenças, das percepções e das opiniões, produtos das interpretações que os humanos fazem a respeito de como vivem, constroem seus artefatos e a si mesmos, sentem e pensam”. Esse tipo de pesquisa estabelece relação entre as variáveis no objeto de estudo analisado, variáveis relacionadas à classificação, medida e/ou quantidade que podem se alterar mediante o processo realizado. Considera-se que esta se adapta melhor à busca pela compreensão da realidade que se pretende pesquisar.

Ao referir-se a pesquisa qualitativa, Triviños (2009, p. 128) afirma que “a pesquisa qualitativa tem o ambiente natural como fonte direta de dados e o pesquisador como instrumento-chave [...]; A pesquisa qualitativa é descritiva[...]; Os pesquisadores

qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto”.

O método quantitativo busca um conhecimento de maior magnitude, cobertura e eficiência ao estudo. Este se apresenta mais adequado para apurar opiniões e atitudes explícitas e conscientes dos entrevistados, pois utilizam instrumentos padronizados (questionários). “Os resultados da pesquisa quantitativa podem ser quantificados [...]. A pesquisa quantitativa recorre à linguagem matemática [...] A utilização conjunta da pesquisa qualitativa e quantitativa permite recolher mais informações do que se poderia conseguir isoladamente” (FONSECA, 2002, p. 20).

De acordo com os objetivos propostos, a pesquisa ora apresentada é do tipo exploratória, pois tem a possibilidade de proporcionar mais informações sobre a violência nas escolas estudadas e o procedimento científico adotado foi o comparativo.

Na abordagem científica optou-se pelo método indutivo, que segundo Gil (2008, p.10) define como sendo “o método indutivo procede inversamente ao dedutivo: parte do particular e coloca a generalização como um produto posterior do trabalho de coleta de dados particulares”. Ainda declara que generalização deve ser constatada a partir da observação de casos concretos suficientemente confirmadores dessa realidade.

A natureza exploratória da pesquisa está no fato desta ter como aporte o referencial teórico e utilizar como procedimento de coleta a entrevista com pessoas que tiveram, ou têm experiências práticas com o problema pesquisado.

1.4.2. Técnicas e Instrumentos da Pesquisa

Com relação aos procedimentos técnicos, este trabalho teve como fonte de delineamentos a pesquisa bibliográfica e documental, sendo complementados com os dados colhidos no estudo de caso. Assim, os instrumentos considerados mais adequados para esta pesquisa foram: entrevista do tipo semiestruturada e o questionário semiaberto objetivando identificar e conhecer o fenômeno da violência nas escolas pela percepção dos gestores e as formas que se apresentam (Apêndice B) além de dados dos Livros de Registro de Ocorrências das Escolas.

A entrevista semiestruturada é semelhante a uma conversa ou diálogo com o entrevistado, não sendo tão rígida quanto uma entrevista formal e o questionário semiaberto. A entrevista semiestruturada, de acordo com Triviños (1987, p. 146) “parte de questionamentos básicos, fundamentado nas teorias e nas hipóteses que interessam à pesquisa, oferecendo-lhe uma diversidade de interrogativas a partir das respostas dos entrevistados (informantes)”.

Apresenta certa flexibilidade e possibilidade de adaptação ao entrevistado, às suas reações ou ao contexto, permitindo compreender e absorver mais informações. Porém, em geral, a entrevista seguirá o que se encontra planejado.

Lakatos e Marconi (2008, p. 278), definem entrevista como “uma conversação efetuada face a face, de maneira metódica, que pode proporcionar resultados satisfatórios e informações necessárias” e tem como objetivo compreender as perspectivas e vivências dos participantes. Assim para Gil (1999), a entrevista é a mais flexível de todas as técnicas de coleta de dados de que dispõem as ciências sociais.

Todas as entrevistas realizadas foram gravadas, na preocupação de garantir uma fidelidade em relação às falas de cada um. Sendo que cada participante aceitou participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

O questionário autoaplicável mescla questões fechadas e abertas. Vislumbrando o universo de investigados, considera-se a amostra desta pesquisa como não probabilística, que segundo Mattar (1996, p. 132), é aquela em que a seleção dos elementos da população para compor a amostra depende ao menos em parte do julgamento do pesquisador ou do entrevistador no campo.

Também foram utilizados como fonte da pesquisa, além dos sujeitos já definidos anteriormente e das fontes bibliográficas já disponíveis no referencial teórico, os dados disponíveis pelos órgãos da Segurança Pública do Pará (SEGUP), sobre o índice de criminalidade nas localidades onde as escolas estão inseridas, pois isso pode interferir na percepção da violência pelas equipes gestoras.

Informações dos registros das ocorrências realizadas nos anos de 2014 e 2015 pelas equipes gestoras, para identificar como foi resolvido o caso levado ao conhecimento da gestão escolar, e perceber como a equipe gestora das instituições de ensino trabalha a resolução dos conflitos, completou os dados obtidos no trabalho.

As referências bibliográficas deste estudo utilizam como base as fontes eletrônicas Scientific Electronic Library Online – SciELO, Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD/ IBICT, Biblioteca Digital Google – Pesquisa de Livros e com referência em documentos de órgãos oficiais, instituições de pesquisa e ensino e outros.

1.4.3. Sujeitos da Pesquisa e Amostra

Utilizou-se para a seleção de sujeitos da pesquisa uma amostra não probabilística, do tipo Amostragem proposital que segundo Gil (2007) é quando a amostra é selecionada de acordo com uma determinada característica, definida previamente pelo pesquisador.

Nesta perspectiva se elegeu como sujeitos de cada escola pesquisada: 08 (oito) indivíduos que compõe a equipe de gestão da escola, selecionados por meio do seguinte critério: ter no mínimo 03 anos de atuação na educação. Destaca-se ainda, que os gestores foram nomeados com as GEPU (Gestor da escola pública) e GEPA (Gestor da escola particular) e números, com o intuito de assegurar o anonimato e a identidade dos participantes da pesquisa, respeitando-se os princípios que caracterizam a abordagem qualitativa, como: A identidade dos entrevistados foram protegidas; os entrevistados foram tratados respeitosamente; o pesquisador atuou com clareza na abordagem dos investigados e com a maior autenticidade possível ao escrever os resultados.

A aceitação à pesquisa foi firmada com assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A) utilizado como instrumento de compromisso entre pesquisador e pesquisado.

1.4.4. Análise dos Dados da Pesquisa.

Como o trabalho teve abordagem qualitativa e quantitativa, esta análise foi realizada simultaneamente com a pesquisa de campo.

De acordo com Gil (2008, p. 168) “A análise tem como objetivo organizar e resumir os dados de tal forma que possibilitem o fornecimento de respostas ao problema proposto para investigação”. Assim a interpretação se diferencia, pois segundo o mesmo autor, tem como objetivo a procura do sentido mais amplo das respostas, o que é feito mediante sua ligação a outros conhecimentos anteriormente obtidos.

Os dados quantitativos foram analisados a partir da técnica estatística e análise descritiva. Para Guedes et al. (2005, p. 1), a estatística descritiva, como o próprio nome já diz, se preocupa em descrever os dados. Conforme os autores, a estatística descritiva, tem a função de sintetizar uma série de valores de mesma natureza, permitindo dessa forma que se tenha uma visão global, além de organizar e descrever os dados de três maneiras: por meio de tabelas, de gráficos e de medidas descritivas.

1.4.5. Lócus da Pesquisa

O presente estudo foi desenvolvido em duas escolas: uma da rede pública de ensino, a Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Elcione Terezinha Zaluth Barbalho” (identificada como Escola Pública) e uma da rede particular, o Instituto de Educação Darwin (identificada como Escola Particular). Essas duas escolas foram escolhidas por apresentarem diferenças de localização e nos seus aspectos sociais e econômicos, o que vão ao encontro do objetivo da presente pesquisa.

O município de Castanhal foi fundado em 1932 e está localizado na região de integração Guamá (Figura 1). Conta com uma área territorial de 1.028,889 Km². É limite aos municípios de Inhangapi, Santa Isabel do Pará, Santo Antônio do Tauá, Vigia, São Caetano de Odivelas, Terra Alta, São Francisco do Pará, Igarapé-Açu, Santa Maria do Pará e São Miguel do Guamá (AMARAL, 2012, p. 1).

Conforme Amaral *et al.* (2012), é uma cidade em crescimento e apresenta por meio do processo de metropolização do espaço, intenso processo de interdependência com a capital, a partir de uma dinâmica de fluxos sócios espaciais. A escolha de escolas localizadas neste município está relacionada ao fato deste apresentar-se como o 3º mais populoso da RMB e que na última década vem apresentando índices de violência preocupantes (BAHIA; GARVÃO, 2015).

De 2000 e 2010, a população de Castanhal cresceu a uma taxa média anual de 2,56%, enquanto no Brasil foi de 1,17%, no mesmo período. Nesta década, a taxa de urbanização do município passou de 90,15% para 88,58% (ATLASBRASIL, 2013).

1.4.6. Aspectos Gerais do Município de Castanhal

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), com base no censo demográfico de 2010, a população residente no município de Castanhal-Pará era de 173.149 habitantes, com uma densidade demográfica de 168,29 hab./km².

No que se refere à distribuição populacional pelo espaço, esta se encontra irregularmente distribuída, onde 42.996 residem na zona urbana e 16.480 na zona rural, apresentando, portanto uma taxa de urbanização de 88,58% (Censo Demográfico 2010). Quanto à distribuição por sexo, predominam as mulheres (88.673), ligeiramente superior ao número de homens (84.476).

O Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) divulga todos os anos o Índice de Desenvolvimento Humano (IDH). O IDHM¹ de Castanhal foi de 0,673, em 2010, portanto esse município encontra-se na faixa de Desenvolvimento Humano Médio (IDHM entre 0,600 e 0,699). Conforme o ATLASBRASIL (2013)², a

¹ O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) é uma medida composta de indicadores de três dimensões do desenvolvimento humano: longevidade, educação e renda.

² O **Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil** engloba o Atlas do Desenvolvimento Humano nos Municípios e o Atlas do Desenvolvimento Humano nas Regiões Metropolitanas. O Atlas é, uma plataforma de consulta ao Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) de 5.565 municípios brasileiros, 27 Unidades da Federação (UF), 20 Regiões Metropolitanas (RM) e suas respectivas Unidades de Desenvolvimento Humano (UDH).

dimensão que mais contribui para o IDHM de Castanhal é a Longevidade, com índice de 0,800, seguida de renda, com índice de 0,654, e de educação, com índice de 0,582.

Ainda segundo o ATLASBRASIL (2013), a proporção de pessoas pobres, ou seja, com renda domiciliar per capita inferior a R\$ 140,00 (a preços de agosto de 2010), passou de 49,63%, em 1991, para 39,18%, em 2000, e para 22,93%, em 2010, porém, 45,59% estão vulneráveis à pobreza. A evolução da desigualdade de renda nesses dois períodos pode ser descrita por meio do Índice de Gini³, que passou de 0,57, em 1991, para 0,56, em 2000, e para 0,54, em 2010 (ATLASBRASIL, 2013).

De acordo com o Mapa da Violência desenvolvido por Waiselfisz (2013), o município de Castanhal ocupa a 98ª posição, entre os 100 municípios com as maiores taxas de homicídio juvenil no Brasil. Em pesquisa do ordenamento dos 100 municípios, com as maiores taxas médias (2011/2013) de homicídio (por 100 mil) dos 243 municípios com mais de 4.000 adolescentes de 16 a 17 anos de idade, Castanhal ocupou a 57ª posição, conforme o Mapa da Violência 2015 (WAISELFISZ, 2015, p. 64).

Baseado em dados elaborados a partir das informações do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM) do Ministério da Saúde⁴ que consolida as certidões de registro de óbito emitidas no Brasil no local da ocorrência do evento, e também com dados da identificação das pessoas mortas por arma de fogo, registrados segundo o CID-10 (Classificação Internacional de Doenças-10) como Agressão disparo de arma de fogo (categorias X93, X94 e X95), o município de Castanhal apresentou números crescentes, sendo que em 2013, atingiram 30,99 óbitos/100 mil habitantes, situando-se acima da média nacional, que ficou em 19,19 óbitos/100 mil habitantes.

A atração demográfica que o município de Castanhal exerce na região em que se situa, o torna cada vez mais vulnerável a situações de inchaço populacional,

³ O **coeficiente de Gini** (ou índice de Gini) é um cálculo usado para medir a desigualdade social, desenvolvido pelo estatístico italiano Corrado Gini, em 1912. Apresenta dados entre o número **0** e o número **1**, onde **zero** corresponde a uma **completa igualdade** na renda (onde todos detêm a mesma renda per capita) e **um** que corresponde a uma **completa desigualdade** entre as rendas (onde um indivíduo, ou uma pequena parcela de uma população, detêm toda a renda e os demais nada têm).

⁴ Dados disponíveis em: <http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/deftohtm.exe?sim/cnv/ext10br.def>. Acesso em: 02 de jul. de 2015.

problemas sociais e violência, sendo crescente a preocupação com os acontecimentos violentos que atingem de forma direta ou indireta as escolas do município.

O entorno da escola é um espaço que merece destaque por oferecer ou não segurança para que o jovem tenha acesso à educação. Um entorno considerado perigoso oferece risco e desestimula o acesso do jovem à escola (VALLE; MATOS, 2011, p. 113).

O bairro Jaderlândia é considerado um dos mais perigosos da Cidade de Castanhal – Pará, conforme informações obtidas do PMPA/CPR III, para os anos de 2013 e 2014, com a comparação entre o bairro Centro e bairro Jaderlândia.

Os dados da Tabela 1.2 mostram um comparativo entre os números de ocorrência policiais registradas nos bairros Jaderlândia (onde está situada a escola pública da pesquisa) e o bairro Centro (Localização da escola particular), alvos dessa pesquisa. Onde se percebe que o bairro Jaderlândia apresenta em registros, uma incidência maior de roubos, homicídios e tráfico de drogas, com um total de 735 registros para o ano de 2014, enquanto no Centro foram registrados 249 ocorrências para os mesmos tipos de delito nesse ano.

Tabela 1.2: Comparação do número de ocorrências policiais em dois Bairros do Município de Castanhal – Centro e Jaderlândia nos anos de 2013 e 2014

Delito	Centro		Jaderlandia	
	2013	2014	2013	2014
Furto	490	1039	81	225
Roubo	625	235	575	652
Homicídio	9	4	24	33
Lesão Corporal	42	45	75	64
Roubo seguido de Morte	-	-	4	2
Trafico de Drogas	13	10	40	50

Fonte: PMPA/CPR III - Comando de Policiamento Regional III – 2015 (adaptado)

Muitos estudos apresentam como objeto de pesquisa a relação entre a localização da escola e sua influência nos índices de violência escolar. Charlot (2002), ao conceituar “violência na escola”, como àquela não ligada as atividades da instituição, cita a violência que vem de fora da escola, já Oliveira (2011, p. 9), em pesquisa sobre a violência no entorno de escolas públicas, afirma que “o entorno das escolas é o principal fomentador da violência que ocorre dentro da escola, para tanto qualquer que seja a

política pública adotada para enfrentar esse problema, ela deve contemplar em especial o entorno”.

Porém, estudos também destacam que podem não ocorrer relação entre estes determinantes. Conforme Abromavay (2015) “A escola tem uma violência de fora para dentro, mas tem a violência que ela produz. Então, pode-se ter um lugar tranquilo em que a escola é violenta. E vice-versa. A escola tem as suas próprias características, não é uma consequência direta do que acontece fora dela”.

1.4.7. Educação no Município de Castanhal

De acordo com dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP⁵ O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) de 2013 mostra que o país ultrapassou as metas previstas para os anos iniciais (1º ao 5º ano) do ensino fundamental em 0,3 pontos. O IDEB nacional nessa etapa ficou em 5,2, enquanto em 2011 havia sido de 5,0.

As metas da rede municipal de ensino foram alcançadas por 69,7% dos municípios brasileiros. Metas são diferenciadas para cada rede e escola e são apresentadas bianualmente de 2007 a 2021.

No Município de Castanhal – Pará, o Ideb 2013 nos anos iniciais da rede pública não atingiu a meta do município, estipulada em 4,1, teve queda ente 2011 e 2013, atingindo somente 3,9 e não alcançou também 6,0 que é a meta que o Brasil deve chegar em 2021, o patamar educacional que têm hoje a média dos países da OCDE⁶.

⁵ O Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Educação (MEC), cuja missão é promover estudos, pesquisas e avaliações sobre o Sistema Educacional Brasileiro com o objetivo de subsidiar a formulação e implementação de políticas públicas para a área educacional a partir de parâmetros de qualidade e equidade, bem como produzir informações claras e confiáveis aos gestores, pesquisadores, educadores e público em geral.

Para gerar seus dados e estudos educacionais o Inep realiza levantamentos estatísticos e avaliativos em todos os níveis e modalidades de ensino.

⁶ Fundada em 1960, a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) é uma organização de cooperação internacional composta por 34 países. Sua sede fica na cidade de Paris (França). **Principais objetivos da OCDE:**

- Buscar o desenvolvimento econômico permanente entre os países membros
- Encontrar caminhos para a manutenção da estabilidade financeira entre os países membros
- Discutir e propor metas para o desenvolvimento econômico mundial
- Estabelecer parâmetros para o desenvolvimento do nível de vida
- Criação de mecanismos para o crescimento do nível de emprego.

Precisa melhorar a sua situação para garantir mais alunos aprendendo e com um fluxo escolar adequado.

1.4.8. Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Elcione Terezinha Zaluth Barbalho”

A Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio “Elcione Terezinha Zaluth Barbalho” está localizada, na Rua Francisco Pereira da Silva s/n, quadra 238 no Bairro Jaderlândia III, no Município de Castanhal, Estado do Pará e foi inaugurada no dia 22 de agosto de 1992. A escola tem como entidade mantenedora a Secretaria de estado de Educação – SEDUC/PA e surgiu a partir de solicitação da comunidade local devido ao grande número de crianças e adolescentes que se encontravam fora de uma instituição de ensino. Segundo dados do INEP de 2014 a escola atendia 1.122 alunos distribuídos entre os anos finais do ensino fundamental, ensino médio e educação de jovens e adultos (QEDU, 2014). Observa-se pela tabela 2 que a escola possui um número maior de alunos matriculados nas séries do ensino fundamental.

Tabela 1. Número de Alunos Matriculados na Escola “Elcione Terezinha Zaluth Barbalho” (Pública) por Níveis de ensino no ano de 2013

Nível de Ensino	Matriculas
Fundamental (5 ^a a 8 ^a série ou 6 ^o ao 9 ^o ano)	599
Médio	507
Educação de Jovens e Adultos	106

Fonte: QEDU (2014). Adaptado pelo autor da pesquisa.

1.4.9. Instituto de Educação Darwin

O Instituto de Educação Darwin está localizado, na Barão do Rio Branco 2641, no Bairro Centro, no Município de Castanhal, Estado do Pará- Brasil e surgiu por volta de 1993 quando a UFPA estava sendo instalada no município de Castanhal.

A escola tem como entidade mantenedora Empresa, grupo empresarial do setor privado ou pessoa física, portanto sendo de categoria Particular. Funciona com Ensino Regular: Pré-escolar, ensino Fundamental e Ensino Médio. Segundo dados do INEP de 2014, atendia 218 alunos (QEDU, 2014), com maior número de matrículas no ensino fundamental (Tabela 3).

Tabela 3. Número de Alunos Matriculados no Instituto Darwin (Particular) por Níveis de ensino no ano de 2013

Nível de Ensino	Matriculas
Pré Escola	18
Fundamental Inicial (1ª a 4ª série ou 1º ao 5º ano)	98
Fundamental Superior (5ª a 8ª série ou 6º ao 9º ano)	88
Médio	70

Fonte: QEDU (2014). Adaptado pelo autor da pesquisa

Além do ensino regular (pré-escola, fundamental e médio) funcionando nos períodos matutino e vespertino, o Instituto Darwin, oferece cursinho pré-vestibular nos turnos da manhã, tarde e noite.

1.5. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A palavra violência vem do termo latino *vis*, que significa força. Para Veronese e costa (2006), usar a violência contra alguém ou fazê-lo agir contra sua vontade é o abuso da força, sendo ato de violência.

A pesar de estar sempre relacionado com o uso da força, o conceito de violência tem várias vertentes, ou seja, ainda não se chegou a um consenso como defini-lo, contudo para iniciar este estudo apresenta-se a definição descrita por Abramovay. Para a autora violência é:

A intervenção física de um indivíduo ou grupo contra a integridade de outro(s) grupo(s) e também contra si mesmo. Abrangendo desde os suicídios, espancamentos de vários tipos, roubos, assaltos e homicídios até a violência no trânsito, disfarçada sob a denominação de acidentes, além das diversas formas de violência verbal, simbólica e institucional. (ABRAMOVAY, 2005, p. 27)

A Organização Mundial da Saúde (OMS) define a violência como:

o uso de força física ou poder, em ameaça ou na prática, contra si próprio, outra pessoa ou contra um grupo ou comunidade que resulte ou possa resultar em sofrimento, morte, dano psicológico, desenvolvimento prejudicado ou privação” (OMS, 2002).

De acordo com Dahlberg e Krug (2006, p. 1165)

esta definição cobre uma ampla gama de resultados, incluindo injúria psicológica, privação e desenvolvimento precário. Ela reflete um crescente reconhecimento entre pesquisadores da necessidade de

incluir a violência que não produza necessariamente sofrimento ou morte.

A compreensão de atos violentos simplesmente pelo fato de ter como consequências ferimentos ou morte é limitar seu entendimento e deixar de considera-lo como fato de mais ampla complexidade.

Muitas formas de violência contra mulheres, crianças e idosos, por exemplo, podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais que não representam necessariamente ferimentos, incapacidade ou morte (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1165).

A violência também pode ser entendida na visão do teórico Michaud (1989) citado por Porto (2002), que a define quando:

numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, causando danos a uma ou várias pessoas em grau variável, seja em sua integridade física ou moral, em suas posses, ou nas participações simbólicas e culturais. (Porto, 2002, p. 252)

Já para Adorno (1988), a violência refere-se à “coisificação”. O autor afirma que a violência é uma maneira de relação social que se propaga na sociedade por meio de condutas e procedimentos. Essa violência rejeita alguns valores sociais fazendo com que o sujeito transforme-se em objeto.

Conforme Valle e Matos (2011) a questão da violência é, no Brasil, não apenas uma dimensão explícita do cotidiano, mas abarca aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos da sociedade. Para Longo (2005) a história do país mostra que os castigos corporais em crianças com o intuito de educá-las, foram introduzidos pelos Padres Jesuítas na época do Brasil colônia e principalmente em indígenas.

Charlot (2002) explica que a violência escolar no mundo não é um fenômeno recente, como muitos professores e a opinião pública sugerem, pois desde o século XIX ela já se manifestava em escolas.

A violência escolar nada mais é que um reflexo da violência na sociedade e lugar onde ela está em mais evidência. Segundo os estudos de Homicídios e Juventudes apresentado no Mapa da Violência, entre os jovens de 15 a 29 anos, no período de 1980 a 2010, houve um crescimento de mortes por disparos de algum tipo de arma de fogo da

ordem de 414%, enquanto que no mesmo período o crescimento populacional foi somente de 60,3% (WAISELFIS, 2013), mostrando com isso que a violência entre os jovens é uma crescente e alarmante realidade.

Estes dados são uma das principais razões para a realização da nova fase da campanha contra a violência "Conte Até 10", desta vez direcionada à comunidade escolar e que se destina à educação do adolescente e do jovem para uma cultura de paz, lançada no dia 7 de novembro de 2014 pelo Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP)⁷ e pela Estratégia Nacional Justiça e Segurança Pública (ENASP).

Ao encontro dessas considerações:

Casos de tráfico e consumo de drogas dentro da escola, ameaças aos professores, agressões verbais, depredação do prédio escolar, brigas entre alunos e porte de armas têm sido constantemente noticiados como uma dura realidade das escolas brasileiras. No entanto, as escolas que geralmente são consideradas “portadoras” dessas dificuldades são as da rede pública de ensino. Poucas pesquisas contemplam as escolas particulares, principalmente quando o tema em tela é a violência. (LOUREIRO; QUEIROZ, 2005, p. 547).

Partindo desse pressuposto, considera-se que mesmo apresentando realidades diferentes tanto a escola privada quanto a escola da rede pública são também prováveis geradoras de violência. Conforme argumenta Loureiro e Queiroz (2005, p. 547):

O fato de o ensino privado possuir, geralmente, uma estrutura física melhor [...] que o da rede pública não significa que o modo como a aprendizagem é encaminhada em seu espaço esteja voltado para a construção da autonomia dos alunos. (LOUREIRO; QUEIROZ, 2005, p. 547)

Pode-se utilizar a análise de Fernandez (1991) para ressaltar outro aspecto a ser observado nos dias de hoje, o da violência dentro da escola. Para o autor:

A função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada de uma coisa ou de outra, mas a forma como se instrumenta esta

⁷ O Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP) atua em prol do cidadão, executando a fiscalização administrativa, financeira e disciplinar do Ministério Público (MP) no Brasil e de seus membros, respeitando a autonomia da instituição. Informação disponível em: <<http://www.cnmp.mp.br/portal/index.php#>>. Acesso em 21 de mar. De 2015.

educação pode ter um efeito alienante ou libertador. (FERNANDEZ, 1991, p. 82)

Em uma pesquisa realizada sobre a percepção da violência por alunos e professores em seis escolas da rede municipal de São Paulo, Silva (1997), observou que a convivência com a violência foi confirmada pela maioria, em que 90% dos pesquisados afirmaram já terem sido vítimas de alguma forma de violência. Neste estudo ficou evidenciado que as formas de violência mais manifestadas, portanto percebidas, foram a discriminação masculina em relação à mulher, a agressão física e moral entre os alunos, o desrespeito tanto entre professor e aluno quanto entre aluno, a falta de diálogo entre professor e aluno, além do desrespeito entre professor e direção da escola.

O estudo apontou uma diferença significativa na visão da violência, entre professores, coordenadores pedagógicos e diretores que a percebem como fruto somente da relação entre os alunos e a forma como os alunos a identificam.

para os educadores, a violência se evidencia, de forma mais clara, na relação entre os alunos. Estes é que são violentos e geralmente os educadores não se percebem promovendo atitudes de violência para com os alunos”. Ainda conforme o autor, “é como se professores, diretores e coordenadores pedagógicos fossem isentos de práticas violentas. (SILVA, 1997, p. 262)

Na concepção dos professores, conforme o estudo, a direção das escolas, em geral, é promotora de violência, que se manifesta sob a forma de comportamentos autoritários, de poder e de superioridade.

É a predominância da cultura da privatização do espaço público, ainda muito arraigada, onde os dirigentes se colocam muitas vezes como os "donos" das instituições e, conseqüentemente, os detentores do poder e das tomadas de decisão (SILVA, 1997, p. 262).

1.5.1. A violência – conceitos e tipologias

Já que a violência faz parte do cotidiano, tanto das escolas públicas quanto das particulares, inicia-se uma abordagem teórica sobre o conceito de violência e seu desdobramento para a violência escolar.

No dicionário Houaiss (2009), violência é “a qualidade do que é violento; ação ou efeito de empregar força física ou intimidação moral contra; ato violento; força súbita que se faz sentir com intensidade; fúria; veemência; tirania”. No âmbito jurídico o dicionário define a violência como o constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém, para obrigá-lo a submeter-se à vontade de outrem; coação. Porém, apesar de estar sempre relacionado com o uso da força, o conceito de violência tem várias vertentes de definição.

Da Matta (1982), por exemplo, faz uma análise sob duas vertentes: os de direita, que encaram a violência como um caso virtual de polícia e os de esquerda, que associam a violência ao poder e consumo. Ao analisar o discurso do senso comum, o mesmo autor apresenta outras características, destacando que, nesse caso, a violência surge como um mecanismo e não um estado da sociedade: “Uma fórmula pelo qual se pode fazer aquilo que se deseja mesmo destruindo os espaços morais dos outros” (DA MATTA, 1982, p.23).

Analisando sob o enfoque das diferenciadas manifestações da violência Da Matta (1982) destaca a complexidade do tema:

Noto novamente que os discursos são diferenciados e complementares, mas não são mutuamente exclusivos. Antes, são complementares e até simétricos. Porquanto aquilo que o discurso erudito não diz, o falar do senso comum acentua... e como se pode realmente penetrar nas razões dos miseráveis que espancam seus filhos e mulheres....? Mas o fato é que tal discurso exclui essas modalidades de agressão e de violência deixando de lado o exame de suas características (MATTA, 1982, p. 26,27).

Difundida pelo senso comum a ideia que a violência é fruto das desigualdades sociais é concordar, em termos com aqueles que associam os pobres como os mais violentos, é discriminar quem já, pela exclusão social, estão deixados de lado pelos poderes públicos. Essa forma de pensar pode trazer na sua origem, a herança escravista do Brasil e também com base em teorias eugenistas⁸.

⁸ Criada no século XIX por Francis Galton, a eugenia é um conjunto de ideias e práticas relativas a um ‘melhoramento da raça humana’, ou, como foi definida por seus seguidores, ao ‘aprimoramento da raça humana’ pela seleção dos genitores tendo como base o estudo da hereditariedade. Maria Eunice de S. Maciel. A eugenia no Brasil. Anos 90. Porto alegre, nº 11, julho de 1999.

Conforme Maciel (1999):

O movimento Eugenista ao procurar ‘melhorar a raça’, deveria ‘sanar’ a sociedade de pessoas que apresentassem determinadas enfermidades ou características consideradas ‘indesejáveis’(tais como doenças mentais ou os então chamados ‘impulsos criminosos’), promovendo determinadas práticas para acabar com essas características nas gerações futuras (MACIEL, 1999, p. 121).

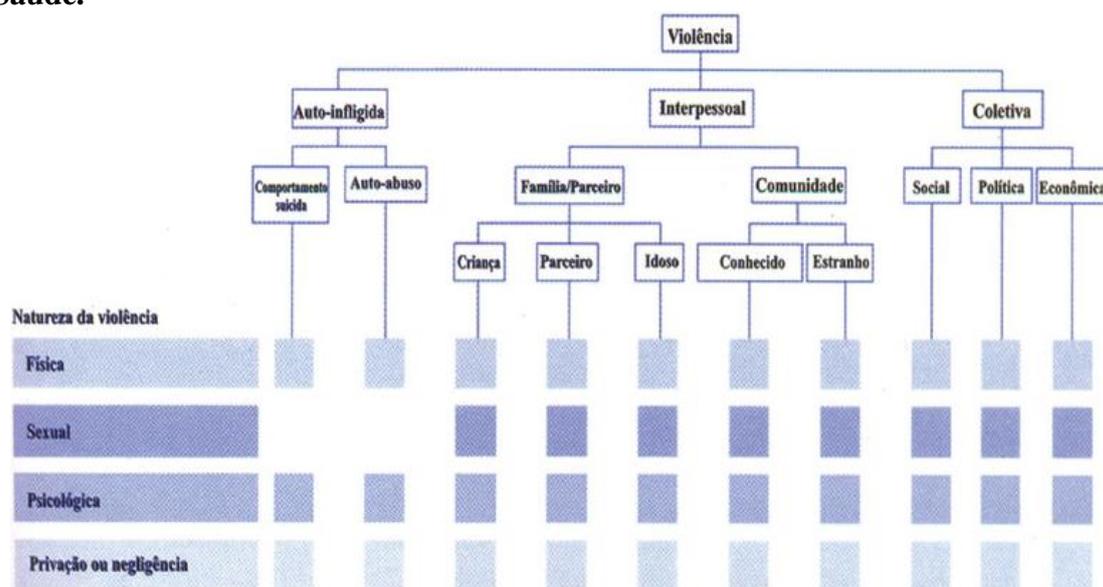
O pensamento Eugenista no Brasil preconizou o “Darwinismo Social”, onde as ideias de Darwin sobre “A origem das Espécies” ultrapassaram o campo biológico para a compreensão e práticas sociais. Para as elites científicas dos anos 20 do século passado, para promover o saneamento moral (pobreza, assim estava associada à degradação moral) do país haveria necessidade um aperfeiçoamento da raça e o combate a negros e mestiços.

Na sociedade contemporânea a compreensão sobre violência passa a ter novos contornos, acompanhando as modernas configurações da sociedade consumista. Para Porto (2002, p. 195), estes contornos vinculam-se: [...] “à questão dos valores, fragmentação sociocultural, ausência de uma representação unificada do social, ausência de pontos fixos de referência norteadores de conduta, que são expressões de uma fragmentação valorativa”. Ainda conforme o autor envolvem aspectos também [...] “ao modo como a violência, enquanto manifestação das mudanças do mundo contemporâneo estaria relacionada à questão da legitimidade, das formas como ela é percebida e do conteúdo mesmo da noção de legitimidade”.

Essas novas formas e conteúdos estão aliados à sociedade globalizada e interligadas aos fluxos de redes de comunicação levando a uma maior participação da sociedade civil como ator, que passa a interferir na busca de soluções para os problemas, questões estas que estavam restritas as negociações e ações advindas das esferas dos poderes públicos.

Santos (2000) usa o termo “Violência Estrutural” para definir as manifestações na atualidade. Conforme o autor, “a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro”.

Figura 1: Tipologias de Violência Segundo o Relatório Mundial sobre Violência e Saúde.



Fonte: Dahlberg e Krug (2002).

A Figura 1 traz a Tipologia da Violência definida no Relatório Mundial sobre Violência e Saúde (OMS, 2002), onde expôs três tipologias da violência: Violência dirigida contra si mesmo (auto-infligida), Violência interpessoal e Violência coletiva, usando como base as formas e circunstâncias dos atos violentos.

A **Violência auto-infligida**, é aquela em que o agressor e a vítima são a mesma pessoa, sendo subdividida em comportamento suicida (pensamentos suicidas, tentativas de suicídio e suicídios propriamente ditos) e agressão auto-infligida (atos como a automutilação); A **Violência interpessoal** (entre as pessoas) divide-se em duas subcategorias: violência entre membros da família ou entre parceiros íntimos (Inclui formas de violência tais como abuso infantil, violência entre parceiros íntimos e maus-tratos de idosos) e a violência na comunidade – violência entre indivíduos sem relação pessoal, que podem ou não se conhecerem (violência da juventude, atos variados de violência, estupro ou ataque sexual por desconhecidos e violência em instituições como escolas, locais de trabalho, prisões e asilos). Geralmente ocorre fora dos lares (grifo nosso).

A **Violência coletiva** acha-se subdividida em violência social, política e econômica: A violência coletiva Social como crimes carregados de ódio, praticados por grupos organizados, atos terroristas e violência de hordas, A violência política inclui a

guerra e conflitos violentos a ela relacionados, violência do estado e atos semelhantes praticados por grandes grupos e a violência econômica que inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico, tais como ataques realizados com o propósito de desintegrar a atividade econômica, impedindo o acesso aos serviços essenciais, ou criando divisão e fragmentação econômica (grifo nosso).

A compreensão de atos violentos simplesmente pelo fato de ter como consequências ferimentos ou morte é limitar seu entendimento e deixar de considerá-lo como fato de mais ampla complexidade. “Muitas formas de violência contra mulheres, crianças e idosos, por exemplo, podem resultar em problemas físicos, psicológicos e sociais que não representam necessariamente ferimentos, incapacidade ou morte” (DAHLBERG; KRUG, 2006, p. 1165).

Segundo a OMS (2014, p. 2) mais de 1,3 milhões de pessoas no mundo morrem a cada ano como resultado da violência em todas as suas formas (auto-infligida, interpessoal e coletiva), representando 2,5% da mortalidade mundial. E é a quarta principal causa de morte de pessoas com idade de 15 a 44 anos.

Segundo recomendações da OMS (2014) é essencial criar respostas sustentadas e multisetoriais no controle da violência interpessoal. E afirmam as sete estratégias que devem ser utilizadas para o combate da violência, onde seis focam a prevenção e um foca em esforços de resposta. As estratégias são:

1. Desenvolvimento de seguro, estável e nutrir relacionamentos entre crianças e seus pais e cuidadores;
2. O desenvolvimento de habilidades de vida em crianças e adolescentes;
3. Reduzindo a disponibilidade e uso nocivo do álcool;
4. Reduzindo o acesso a armas e facas;
5. A promoção da igualdade de gênero para prevenir a violência contra mulheres;
6. Mudança de normas culturais e sociais que apoiam a violência;
7. Identificação das vítimas, cuidados e apoio programas. (OMS, 2014, p. 8).

Estas estratégias podem, potencialmente, reduzir vários tipos de violência e ajudar a diminuir a probabilidade de indivíduos perpetrarem violência ou se tornar uma vítima. Porém, existe a necessidade que estas ações sejam efetivadas juntamente com políticas sólidas de segurança pública. Neste sentido Soares (2006) declara que:

um 'equivoco da esquerda' pensar que os problemas sociais são causa única do crime e este é problema secundário. Claro que relações existem, mas a fórmula causa consequência é simplista e falaciosa (SOARES, 2006, p. 112).

Stevanim (2006, p. 68) afirma que uma abordagem da violência que envolve questões como a falência do sistema educacional, decadência dos programas de seguridade social e dificuldade no acesso dos pobres à justiça estão bem próximas da realidade.

Bourdieu (2007) destaca que por meio da ação pedagógica ocorre a reprodução de uma violência simbólica, onde:

o poder simbólico como poder de construir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, desse modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo, poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica) graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos "sistemas simbólicos" sob a forma de uma "*força ilocutória*", mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhe estão sujeitos. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras (BOURDIEU, 2007, p. 14).

Valle e Matos (2011) afirmam que a questão da violência no Brasil, não é apenas uma dimensão explícita do cotidiano, mas abarca aspectos históricos, sociais, econômicos e políticos da sociedade.

Pinto (2012) destaca três ações muito características da sociedade civil na busca da justiça e luta contra a impunidade:

Ações de protesto contra uma violência difusa que atinge principalmente a classe média; projetos sociais implementados por ONGs visando à luta contra a violência nos locais onde ela é gerada, em bairros pobres e favelas; campanhas promovidas, também por ONGs no combate à violência doméstica contra crianças, mulheres e idosos e a outros grupos expostos a preconceitos de raça e opção sexual (PINTO, 2012, p. 323).

A violência difusa, que se relaciona com a questão de que todos, independentemente da condição social possa ser vítima ou criminoso de momento, tornou-se habitual, em todos os lugares e em diversificadas manifestações sociais, como nas ruas, nas praças, nos campos de futebol e outros. Essa violência, em uma de suas faces: a crueldade exacerbam o medo e a insegurança, levando ao crescimento de uma sociedade internalizada, fechada em seus muros e dessa forma a vida vem perdendo o hábito do convívio, a exemplo, das conversas com vizinhos ou nos passeios em praças públicas.

No Brasil, a banalização da violência observada com os crescentes índices de criminalidade faz a população viver com medo. De acordo com o Anuário do Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP, 2014), a cada 10 minutos, uma pessoa é assassinada no país. Foram 53.646 mortes violentas em 2013, incluindo vítimas de homicídios dolosos e ocorrências de latrocínios e lesões corporais seguidas de morte. Assim é possível que o Brasil tenha convivido no ano de 2013 com cerca de 143 mil estupros e com 490 policiais tiveram mortes violentas. Nos últimos 5 anos a soma é de 1.770 policiais vitimados. Segundo este relatório, o país gastou mais de R\$ 258 bilhões em 2013 com custos sociais da violência, que incluem estimativas com perdas de vidas, e com despesas públicas com segurança e prisões.

O Brasil gastou em 2013, com custos da violência, segurança pública, prisões e unidades de medidas socioeducativas segundo o FBSP (2014) o equivalente a 5,4% do PIB brasileiro. Um gasto equivalente, em relação ao PIB, ao que vários países desenvolvidos gastam com essa área, porém no Brasil os indicadores de violência e criminalidade são muito mais elevados, demonstrando que o dinheiro disponível pode não ser suficiente.

Ainda conforme FBSP (2014), no mesmo período, as polícias brasileiras mataram o equivalente ao que as polícias dos EUA em 30 anos. Sendo 81,8% do total de mortes registradas foram cometidas por policiais em serviço; enquanto 75,3% das mortes de policiais ocorreram fora de serviço. E dos 20.532 jovens cumprindo medidas socioeducativas no Brasil em 2012, apenas 11,1% correspondem a crimes violentos contra a vida (homicídios e latrocínios).

1.5.2 Violência Escolar

Para Bourdieu e Passeron (1975, p. 22) “a ação pedagógica produz uma autoridade pedagógica”. Indicando que por meio da ação pedagógica é possível ocorrer a reprodução de uma violência simbólica.

Charlot (1997) aborda a problemática da violência escolar como uma angústia social, sobretudo àquela imprevisível e cada vez mais comum, praticada contra os professores elevando os níveis da denominada angústia social.

Já Debarbieux (1999) avaliando a complexidade de fatores apresenta três dimensões as quais devem ser associadas à análise sobre a violência na escola:

1. A grande dificuldade de gestão nas escolas resultando em estruturas deficientes;
2. Ao contexto, ou seja, uma violência que se origina de fora para dentro das escolas, que as torna sitiadas e que se manifesta por meio da penetração das gangues, do tráfico de drogas e da visibilidade crescente da exclusão social na comunidade escolar;
3. As componentes internas das escolas específicas de cada estabelecimento. É possível observar escolas seguras em bairros reconhecidamente violentos e vice-versa. (DEBARDIEUX, 1999).

Nas concepções de Charlot (2002) o conceito de violência escolar deve ser ampliado e classificado em três níveis:

- a) Violência: golpes, ferimentos, violência sexual, roubos, crimes, vandalismos;
- b) Incivilidades: humilhações, palavras grosseiras, falta de respeito;
- c) Violência simbólica ou institucional: compreendida como a falta de sentido de permanecer na escola por tantos anos; o ensino como um desprazer, que obriga o jovem a aprender matérias e conteúdos alheios aos seus interesses; as imposições de uma sociedade que não sabe acolher os seus jovens no mercado de trabalho; a violência das relações de poder entre professores e alunos. Também o é a negação da identidade e da satisfação profissional aos professores, a obrigação de suportar o absenteísmo e a indiferença dos alunos (CHARLOT, 2002, p. 67).

Ao encontro do conceito de Charlot (2002) estão as argumentações de Debarbieux (2002). Segundo o autor, quando se estuda violência escolar deve-se considerar:

1. Os crimes e delitos tais como furtos, roubos, assaltos, extorsões, tráfico e consumo de drogas etc., conforme qualificados pelo Código Penal;
2. As incivildades, sobretudo, conforme definidas pelos atores sociais;
3. Sentimento de insegurança ou, sobretudo, o que aqui denominamos “sentimento de violência” resultante dos dois componentes precedentes, mas, também, oriundo de um sentimento mais geral nos diversos meios sociais de referência (DEBARBIEUX, 1999, p. 42).

Observa-se, então, que Charlot (2002) e Debarbieux (1996) compartilham praticamente das mesmas ideias sobre os tipos de violência que ocorrem nas escolas. Diferenciando-se somente no que diz respeito à violência simbólica, defendida por Charlot (2002) e sensação de insegurança citada por Debarbieux (2002).

Vale destacar que nos escritos sobre a Violência na Escola Francesa, Debarbieux (2002) contextualizou o conceito de incivildades:

As incivildades são de início, essa pequena delinquência e, enquanto tal, são muitas vezes penalizáveis, qualificáveis. Ora, perto de 80% dos eventos de pequena delinquência não resultam em elucidação, não por negligência policial, mas porque a delinquência mudou estruturalmente. As vítimas de tais pequenos delitos ou infrações retêm desses eventos a impressão global de desordem, de violência num mundo mal regulado (...) A incivildade que se revela na escola não deve ser pensada sob a forma do conflito “bárbaros” X “civilizados”: a incivildade não é a não-civilização, nem simplesmente a “má educação”. Ela é conflito de civilidades, mas não um conflito de civilidades estranhas umas às outras e para sempre ir redutíveis e relativas. Há, antes, troca e oposição de valores, de sentimentos de pertinências diversas. A incivildade poderia mesmo ser apenas a forma de base das relações de classe, exprimindo o amor frustrado por uma escola que não pode manter as promessas igualitárias de inserção (DEBARBIEUX, 2002, p.178-179).

Na visão de Debarbieux (2001) a incivildade são as pequenas violências do dia a dia, responsável pelo grande número de casos de violência no ambiente escolar cuja tendência é o crescimento. Ainda segundo o autor, essas pequenas delinquências faz com que haja uma crise de identidade social tanto entre alunos quanto entre professores.

Logo, não se podem entender os tipos de violência citados por Charlot (2002) e Debarbieux (1999; 2001) sem conceber o contexto estrutural e social da escola e o local que ela está inserida.

Abramovay (2002) relata que:

“... nas escolas, a violência física é caracterizada por brigas, agressões, invasões, depredações, ferimentos, e até mortes, e os conflitos se registram entre vários atores: alunos e professores, alunos e funcionários. E destaca que a violência simbólica é mais difícil de ser percebida” (ABRAMOVAY, 2002, p. 23).

Abramovay (2002 p. 30) destaca que “se faz necessário a adoção de uma visão ampla sobre situações de violências em diversas escolas, suscitando a reflexão e a busca de medidas estratégicas para a superação das violências nas escolas”. Ainda segundo a autora, é necessário identificar e analisar as percepções de alunos, do corpo técnico-pedagógico e dos pais sobre as violências nas escolas e suas causas, descrevendo sua frequência e gravidade dos incidentes.

Charlot (2002) em seu estudo sobre a abordagem da violência na escola possibilitou a multidiversificação do fenômeno da violência. Para o autor, a violência é um fato histórico e modificado na sua forma ao longo do tempo.

Em seu estudo Charlot (2002), apresenta sob outra ótica os vários tipos de violência que estão presentes na escola, são elas: a violência *na* escola, violência *à* escola e a violência da escola, como:

A violência na escola é aquela que se produz dentro do espaço escolar, sem estar ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando um bando entra na escola para acertar contas das disputas que são as do bairro, a escola é apenas o lugar de uma violência que teria podido acontecer em qualquer outro lugar. A violência à escola está ligada à natureza e às atividades da instituição escolar: quando os alunos provocam incêndios, batem nos professores ou os insultam, eles se entregam a violências que visam diretamente à instituição e aqueles que a representam. Essa violência contra a escola deve ser analisada junto com a violência da escola: uma violência institucional,

simbólica, que os próprios jovens suportam através da maneira como a instituição e seus agentes os tratam (modos de composição das classes, de atribuição de notas, de orientação, palavras desdenhosas dos adultos, atos considerados pelos alunos como injustos ou racistas) (CHARLOT, 2002, p. 434- 435). Grifo do Autor.

Charlot (2002) em sua teoria afirma que hoje quando se fala em violência escolar tem-se a impressão que não existem limites e que tudo pode acontecer no ambiente da escola, além do fato de os envolvidos nesse processo serem cada vez mais jovens, e apresentarem-se mais violentos.

Em suas argumentações Charlot (2002) destaca ainda a partir desse contexto, que os jovens adentram nas escolas para tomar satisfações com os outros que lá estudam no sentido de acertar contas vindas de disputas de bairros. Com esses fatores o ambiente escolar deixa de se apresentar como um lugar protegido, a todo esse cenário contemporâneo da violência, o que é denominado pelo autor de angústia social.

A angústia social acarretada por esses fenômenos, tanto mais quanto incidentes violentos, até mesmo muito graves, podem acontecer em estabelecimentos escolares que pareciam dever escapar a eles, e essa violência escolar parece aumentar, apesar dos “planos” e medidas postos em prática há uma dezena de anos: tudo se passa como se a violência na escola estivesse se convertendo em um fenômeno estrutural e não mais, acidental e como se, depois de instalada nas escolas de bairros problemáticos, ela se estende-se hoje a outros estabelecimentos (CHARLOT, 2002, p. 434).

Esta forma de violência é exercida geralmente de forma sutil, muitas vezes sem a percepção da violência por quem a sofre. Como é relato em UNESCO (2003) como:

Quando a vítima não se dá conta de sua impotência frente a poderes, nem exerce sua capacidade de crítica em tal dinâmica, como por exemplo, à violência sofrida por professores quando agredidos em seu trabalho e em e em sua identidade profissional, pelo desinteresse e indiferença dos alunos. (UNESCO, 2003, p. 79).

Abramovay e Rua (2005), ainda transmite a noção de que a violência não é monolítica, como aquelas que apresentam apenas danos físicos, mas, sobretudo aquelas que provocam dor, medo, tristeza, baixa autoestima. Para a autora a percepção da violência nas escolas surge a partir das experiências:

A percepção do fenômeno das violências nas escolas resulta das histórias vividas e recolhidas pelos diversos atores que convivem no ambiente escolar e das relações que estabelecem entre si. Nessa medida, as violências são percebidas como um fenômeno corriqueiro no cotidiano daqueles que já vivenciaram situações ligadas a roubos, ameaças, assalto, discriminação, vandalismo, atitudes autoritárias, brigas etc. Para evitar a continuidade dessa situação, é indiscutível a necessidade de se identificarem medidas para que os estabelecimentos de ensino se apresentem como espaço seguro para seus integrantes, uma vez que a violência afeta a integridade física, emocional e psicológica de alunos, professores, funcionários e pais (ABRAMOVAY; RUA, 2005, p. 72).

Existe uma violência da sociedade que reflete dentro das escolas, como o tráfico de drogas ou brigas de gangues. Mas a principal forma de violência é aquela cotidiana. A homofobia, o racismo, as agressões, a aversão aos pobres, aos nordestinos. (ABRAMOVAY; RUA, 2005, p. 72) As autoras destacam a existência de uma tendência nas escolas de ignorar conflitos.

Para Abramovay e Rua (2005), os processos de mudança de uma escola no que tange a diminuição ou eliminação da violência passam principalmente pela gestão escolar, veja:

Afirmar que as violências nas escolas representam um estado e não uma característica de uma ou de outra, ou do sistema escolar, significa assumir que essa condição muda de acordo com os processos pelos quais cada estabelecimento de ensino passa, em especial as mudanças na administração e das relações com diretores e professores. Os dados apontam que alterações feitas pela administração produziram mudanças no perfil da escola em relação à violência: o estreitamento da tolerância em relação às regras, a democratização do ambiente escolar; e melhoria e conservação da estrutura física (ABRAMOVAY; RUA, 2005, p.72).

Para Abramovay e Rua (2005, p. 25) além de enfoques multidimensionais, vários autores defendem a importância de abordagem transdisciplinar, com a contribuição da sociologia, da ciência política, da psicologia, das ciências da educação e da justiça criminal.

O modo como a violência é percebida no ambiente escolar muda de acordo com o enfoque que é dado a ela. Para Abramovay e Rua (2005, p. 21), isso significa que “O que é caracterizado como violência varia em função do estabelecimento escolar, do status de quem fala (professores, diretores, alunos), da idade e, provavelmente, do sexo”.

Na visão de Abramovay e Rua (2005):

O fenômeno da violência não é estudado apenas como uma modalidade de violência praticadas pelos jovens, pois sua origem recebe influência de três conjuntos de variáveis, a institucional, a social e a comportamental. (ABRAMOVAY; RUA, 2005 p. 12)

Compreendendo a influência dessas variáveis e classificando-as como externas ou exógenas, como questões de gênero, raça, condições econômicas e sociais; e internas ou endógenas, que aborda questões como a idade, nível escolar e comportamento, que de forma independente interferem na manifestação da violência, apresentando-se com maior ou menor intensidade, magnitude, permanência e gravidade, razão pela qual a autora defende a complexidade e multiplicidade de facetas admitindo a compreensão do desafio de uma ótica transdisciplinar, multidimensional e pluricausal para este fenômeno.

Abramovay (2013) discorre sobre a problemática da violência escolar ao publicar pesquisas realizadas em escolas da rede pública e privadas do ensino fundamental e médio de treze capitais do Brasil, desenvolvendo assim uma corrente teórica de referência para demais pesquisas acerca desta problemática. Sua linha de ideias sobre a violência escolar baseou-se em questões como a exclusão social, mercado de trabalho, família, educação, participação social, protagonismo juvenil, entre outros. Com uma compreensão bem abrangente da violência que engloba não só o sentido do uso da força ou da intimidação, mas também vertentes socioculturais e simbólicas da problemática.

Para Carvalho (2014) o meio onde se vive exerce influência no comportamento das pessoas, não sendo diferente na escola. Conforme o autor, o estabelecimento de ensino e o seu entorno necessitam ter o ambiente mais seguro e acolhedor, pois

além do tempo que as crianças e adolescentes tendem a passar nele, é também nesse espaço que a criança irá se desenvolver.

CAPÍTULO II. ARTIGO CIENTÍFICO A SER SUBMETIDO À PUBLICAÇÃO

PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA SOB A ÓTICA DA GESTÃO ESCOLAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA

Raimundo Roberto Santos França
Silvia dos Santos de Almeida
Edson Marcos Leal Soares Ramos

Resumo

Entender como os gestores concebem as manifestações de violência é fundamental na elaboração de ações para prevenir ou minimizar os seus efeitos. O objetivo deste artigo é apresentar um estudo comparativo sobre a percepção de violência escolar entre as equipes gestoras de escola pública e privada, e como esse entendimento influencia na resolução dos casos de violência dentro da escola. Para tal utiliza-se a técnica estatística de análise descritiva por meio de gráficos. Os resultados surgiram a partir da pesquisa de campo, por meio da entrevista semiestruturada com abordagens de natureza qualitativa e quantitativa, bem como análise documental dos livros de ocorrências das escolas, tudo ancorado e consubstanciado pela incursão bibliográfica que dá base teórica ao estudo. Os resultados do trabalho apontaram que a violência tem aumentado de forma progressiva e os ambientes escolares não estão imunes a este fenômeno, repercutindo no aumento de crimes e de incivilidades nas escolas. Os atos de indisciplinas, ameaça e bullying foram os mais registrados nas escolas, sendo esses dois últimos os mais perceptíveis pelos gestores. No que tange às medidas adotadas pelos gestores no enfrentamento à violência, os da escola particular percebem que tanto o controle da entrada e saída quanto o uso do uniforme são as medidas mais preventivas, já para os gestores da escola pública, a mediação de conflitos é a medida preventiva de maior percepção. Como medidas imediatas adotadas na resolução da violência na percepção dos gestores de ambas as escolas, estão a mediação de conflitos, o acionamento dos pais e o acionamento da polícia militar a qual também atua de forma preventiva através de rondas escolares e do PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)

Palavra-chave: Violência escolar; Gestores escolares, Escola Pública, *Bullying*.

PERCEPTION OF VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF SCHOOL MANAGEMENT: A COMPARATIVE ANALYSIS BETWEEN PUBLIC AND PRIVATE SCHOOL

ABSTRACT

Understand how managers design manifestations of violence is crucial in the development of actions to prevent or minimize their effects. The purpose of this article is to present a comparative study on the perception of school violence among managing teams of public and private school, and how this understanding influence in solving the cases of violence within the school. For this purpose the statistical descriptive analysis technique by means of graphs. The results have emerged from the field research through semi-structured interview with qualitative and quantitative approaches, as well as documentary analysis of occurrences of schools, all anchored and embodied by bibliographical incursion which gives theoretical basis to the study. The results of the work pointed out that violence has increased progressively and school environments are not immune to this phenomenon, resulting in the increase of crimes and of incivilities in schools. The acts of indisciplinas, threatening and bullying were the most registered in schools, being these last two the most noticeable by the managers. Regarding the measures adopted by the managers in the fight against violence, the particular school they realize that both the input and output control as the use of the uniform are the preventive measures, the managers of public school, the mediation of conflicts is the preventive measure of greater awareness. As immediate measures adopted in dealing with the violence in the perception of managers of both schools, are mediating conflicts, the parents and the military police drive which also acts in a preventive manner through school rounds and PROERD (Programa Educacional de Resistência às Drogas e à Violência)

Keyword: school violence; School managers, public school, Bullying.

INTRODUÇÃO

Como fenômeno inerente às relações humanas e estando ligada historicamente a vida social, a violência pode apresentar-se relacionada a variados aspectos, como as características culturais, políticas, econômicas, além do comportamento (mental e físico) do homem.

Conforme Marra (2007), a violência é a herança comum a qualquer conjunto civilizacional; uma estrutura constante do fenômeno humano e, que tem um papel na vida da sociedade. Conforme Monteiro e Saravali (2015, p. 191) A violência não possui sujeitos reconhecíveis, nem causas facilmente notáveis e simples de serem apontadas; perpassa as diferentes relações sociais e aparece de forma explícita nos meios de comunicação, principalmente na mídia televisiva.

O Brasil apresenta índices crescentes de violência, principalmente nos centros urbanos. Violência esta que se reproduz nos ambientes escolares. Para Valle e Mattos (2011, p. 36), a escola absorve a violência experimentada fora dela em casa ou nas ruas, e, também gera outras práticas de violência que se estenderão aos demais ambientes sociais.

Nos Estados Unidos, os estudiosos sobre violência na escola se referem a ela como sendo delinquência juvenil, que corresponde aos *“atos que vão contra a lei ou potencialmente sujeitos a uma medida penal”* (ABRAMOVAY, 2002, p. 72).

Segundo Santana (2014) a violência escolar é responsável por parte do abandono escolar, baixo rendimento escolar e que também afeta a saúde dos profissionais de educação, levando estes muitas vezes ao abandono da profissão. Como relata Rosa (2010): *“Estando envolvidos com situações dessa natureza, os jovens tanto agressores como agredidos tendem a se desligar dos estudos, resultado em prejuízos na aprendizagem”* (ROSA, 2010, p.155).

Dessa forma, entender como os gestores concebem manifestações de violência, é fundamental na elaboração de ações para prevenir ou minimizar os seus efeitos,

contribuindo assim com os órgãos governamentais relacionados e ajudar a melhor direcionar as políticas públicas que envolvam a educação.

Neste sentido, o presente artigo, objetiva apresentar um estudo comparativo sobre a percepção da violência escolar entre as equipes gestoras de escola pública e privada do Município de Castanhal no estado do Pará, e como esse entendimento influencia na resolução dos casos de violência no ambiente escolar. Sendo que a investigação sobre violência foi realizada sob vários aspectos, e observando principalmente os relacionados às condições socioeconômicas dentre os quais, aquele fruto das condições socioeconômicas da sociedade e seus reflexos no ambiente escolar.

METODOLOGIA DA PESQUISA

Na construção do presente artigo alguns métodos científicos foram utilizados de acordo com as normas em voga, os quais capacitaram sistematicamente as coletas de dados, análises e discussões subsidiando os objetivos desta pesquisa.

Conforme Marconi e Lakatos (2010 p. 83)

método é o conjunto das atividades sistemáticas e racionais que, com maior segurança e economia, permite alcançar o objetivo (conhecimentos válidos e verdadeiros), traçando o caminho a ser seguido, detectando erros e auxiliando as decisões do cientista.

Para Ferreira (1986) o termo pesquisa significa:

pesquisa é ato ou efeito de pesquisar. Indagação ou busca minuciosa para averiguação da realidade. Investigação, inquirição, estudo minudente e sistemático com o fim de descobrir ou estabelecer fatos ou princípios acerca de um campo qualquer do conhecimento (FERREIRA, 1986, p. 1320).

A percepção da violência escolar foi avaliada/medida por meio: (1) da aplicação de questionário (Apêndice B), (2) da observação do livro de registros de ocorrência das escolas, e (3) da realização de entrevistas com os gestores dessas escolas. Onde todas as entrevistas foram gravadas e depois de ouvidas, foram transcritas como parte desse

artigo. Também cada participante aceitou participar da pesquisa assinando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (Anexo A).

Assim a pesquisa se deu, com um total de 8 (oito) profissionais da equipe gestora da escola pública (um diretor, dois vice-diretores e cinco coordenadores). E 5 (cinco) para a gestão da escola particular (um diretor, um vice-diretor e três coordenadores). As identidades dos entrevistados foram protegidas e são identificados pelos iniciais GEPU (Gestor da escola pública) e GEPA (Gestor da escola particular) seguido de números arábicos; os entrevistados foram tratados respeitosamente; o pesquisador atuou com clareza na abordagem dos investigados e com a maior autenticidade possível ao escrever os resultados.

A escolha desse método se deu por possibilitar melhor interpretação dos dados e proporcionar maior agilidade à participação dos envolvidos. Foram aplicadas as mesmas questões aos gestores e coordenadores das duas escolas (pública e particular).

Os resultados obtidos com os questionários e as entrevistas são apresentados em tabelas e gráficos (BUSSAB; MORETTIN, 2013), além da transcrição de falas dos gestores.

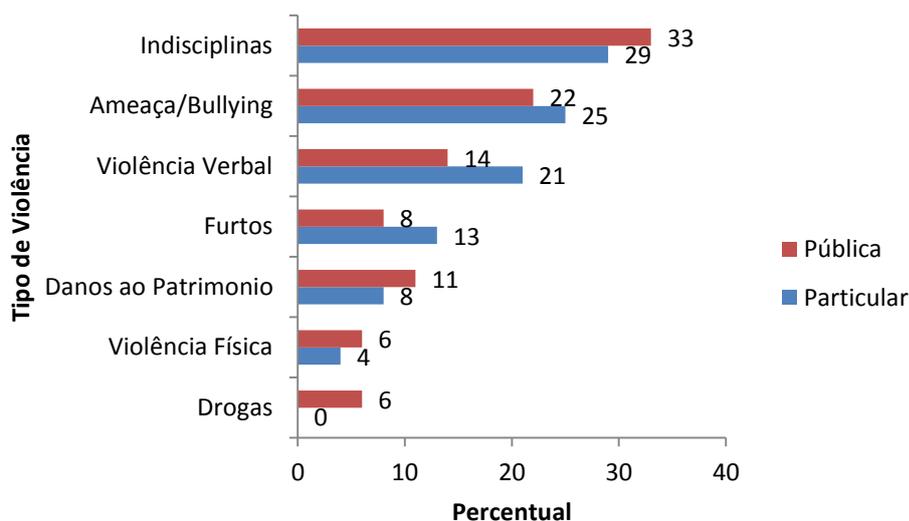
RESULTADOS E DISCUSSÕES

Antes considerada somente uma atividade burocrática, limitando-se funções como a organização e planejamento das atividades, a gestão escolar passa por profundas mudanças e que refletem em uma multiplicidade de desafios. Hoje a educação exige uma gestão mais dinâmica e com maior capacidade de liderança e capaz de promover participação maior de professores e demais servidores da escola na tomada de decisões. Assim, na avaliação de Ferreira (2008) essas transformações passam pela adoção de novas posturas, redefinindo conceitos e adaptando-se a realidades diversas.

Os resultados apresentados a seguir são provenientes da pesquisa de campo efetuadas nas duas escolas e refletem a percepção da violência pela visão dos gestores. Como primeiro momento de análise apresenta-se dados dos Livros de Registros de Ocorrências das duas Escolas, observando pelos registros, situações que influenciam o

bom andamento das atividades escolares para os anos de 2014 e 2015 identificando e apresentando os eventos mais comuns de violência por meio da Figura 3.1.

Figura 3.1: Percentual dos Registros de Violência nos períodos letivos de 2014 e 2015 das Escolas Pública e Particular de Castanhal



Fonte: Livros de Ocorrência das escolas dos anos de 2014 e 2015

A partir da Figura 3.1 diagnosticou-se que as ocorrências mais repetidas no cotidiano das duas escolas referem-se a ‘indisciplinas’ dos alunos e em segundo, as ameaças e *bullying*.

A violência verbal foi superior à violência física em termos de registros de ocorrências, na Escola Pública e Escola Particular. Diferente da violência física, que é definida a partir do uso da força contra uma pessoa, na violência verbal ou simbólica não existe agressão física, que segundo Brandt (2014), aparece quando uma classe privilegiada se sobreponha a outra partir da sua cultura.

Na visão de Faleiros (2008, p. 33) “o exercício e difusão de uma superioridade fundada em mitos, símbolos, imagens, mídia e construções sociais que discriminam, humilham, excluem”. Para Abromavay (2005) as incivildades (pressão psicológica), humilhações, palavras grosseiras, desrespeito, intimidação ou *bullying*, são formas de

agressões verbais. Para Ruotti, Alves e Cubas (2006), *bullying* e incivilidade referem-se a um mesmo fenômeno.

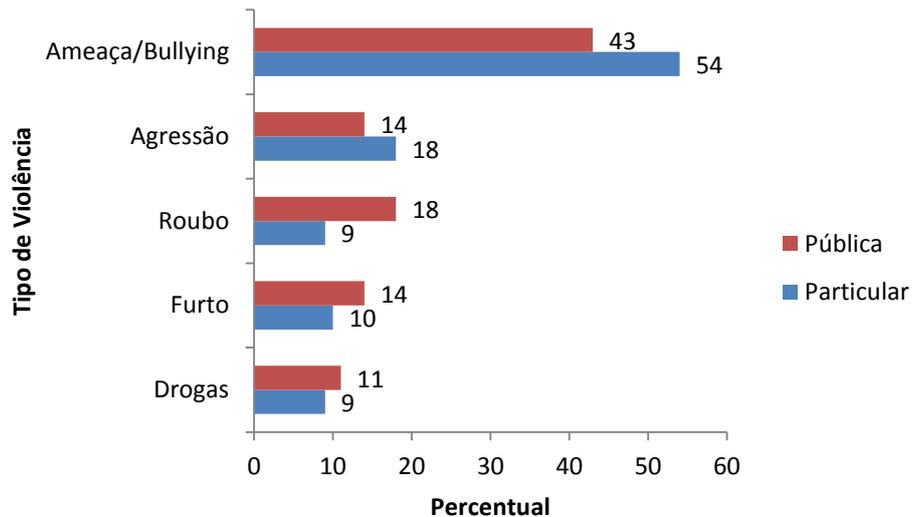
Considera-se intimidação sistemática (*bullying*) todo ato de violência física ou psicológica, intencional e repetitivo que ocorre sem motivação evidente, praticado por indivíduo ou grupo, contra uma ou mais pessoas, com o objetivo de intimidá-la ou agredi-la, causando dor e angústia à vítima, em uma relação de desequilíbrio de poder entre as partes envolvidas (BRASIL, 2015).

De acordo com a lei federal Nº 13.185, de 6 de novembro de 2015 em seu Art 5º os estabelecimentos de ensino no Brasil e, ainda, os clubes e as agremiações recreativas passam, expressamente, a ter o dever de conscientizar, prevenir, diagnosticar e combater o *bullying* e a violência. (BRASIL, 2015).

Para Silva (2006, p. 3) a palavra *bullying* é derivada do verbo inglês *to bully*, que significa usar a superioridade física para intimidar alguém. Também adota aspecto de adjetivo, referindo-se a “valentão”, “tirano”. Ainda segundo Silva (2006), as vítimas são os indivíduos considerados mais fracos e frágeis dessa relação, transformados em objeto de diversão e prazer por meio de “brincadeiras” maldosas e intimidadoras.

A partir dos questionários aplicados e entrevistas ao diretor, vice-diretor e coordenadores das duas Escolas, realizou-se como primeira inquirição: Quais as formas de violência apresentadas no ambiente interno escolar?

Figura 3.2: Percentual da Percepção dos gestores sobre as manifestações de violência que mais ocorreram nas escolas (Pública e Particular) de Castanhal nos anos letivos de 2014 e 2015

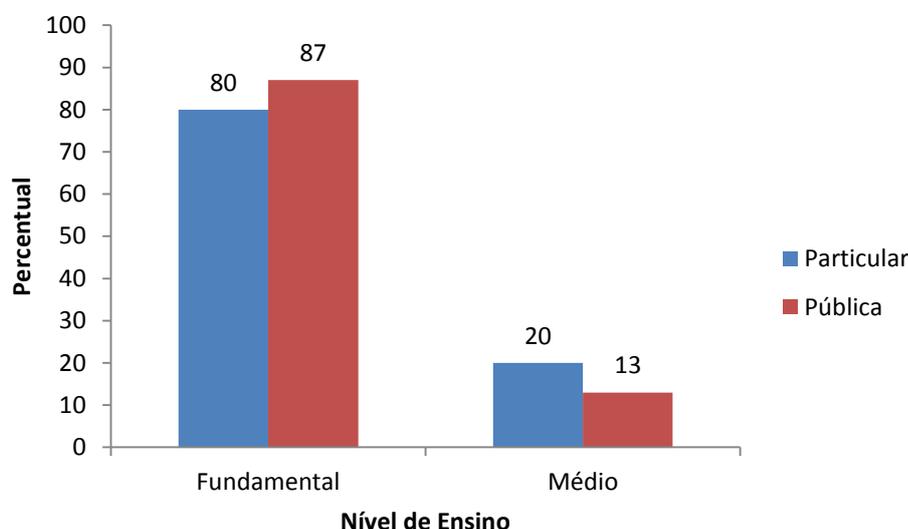


Ao avaliar as respostas das entrevistas dos gestores, detectou-se que todos os participantes da pesquisa presenciaram nas escolas atos de violência. A mesma percepção obteve Carvalho (2014), ao relatar também que todos os entrevistados declararam já terem vivenciado casos de violência dentro da escola. Segundo a autora, apesar dos estudantes serem as maiores vítimas, a violência não é exclusivo a eles, afetando também professores, gestores e demais funcionários da escola.

Já as formas de violência mais perceptíveis pelas equipes estão representadas na Figura 3.2, de onde se observa que a equipe gestora da escola particular destacou que dois tipos de violência são mais presentes no ambiente da escola: Violência verbal (Ameaça e *bullying*) e física (agressão), confirmando os dados dos livros de ocorrências registradas na escola. Enquanto que na escola pública a percepção dos gestores é de que ocorre mais a violência verbal (Ameaça) e o roubo.

Fazendo um paralelo entre as percepções das manifestações de violência entre as escolas pública e particular (Figura 3.2), verifica-se em ambas a predominância da percepção da violência verbal (Ameaça e *bullying*). Esses dados se assemelham aos resultados da pesquisa realizada por Ferro (2013) que identificou que as maiores ocorrências da escola estão relacionadas à indisciplina, enquanto a violência física apresenta índice inferior. Conforme a autora os conflitos, a violência e a indisciplina afetam o desenvolvimento das atividades pedagógicas, a rotina de trabalho e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos, ao sentirem-se desinteressados pelos estudos ou acuados pela violência.

Figura 3.3 Percentual da Percepção dos gestores sobre o nível de escolaridade com maiores índices de manifestações de violência nas escolas (Pública e Particular) de Castanhal no período letivo de 2014 e 2015



Segundo a percepção dos gestores de ambas as escolas sobre o nível de escolaridade dos alunos em que são mais frequentes os registros de violência, constatou-se que na educação fundamental (faixa etária predominando entre 7 a 14 anos) ocorrem mais atos de incivildades e agressões que entre os alunos do ensino médio, que possuem uma faixa etária mais elevada, dados mostrados na Figura 3.3.

Mesmo com as diferenças de acontecimentos violentos, superiores na escola pública, esse número pode não está relacionado à localização das escolas e sim, porque a particular possui uma clientela menor de alunos, além de apresentar uma estrutura de segurança que acompanha a movimentação dos mesmos desde sua entrada, com carteirinhas contendo chips e sensores que identificam individualmente o aluno.

Bourdieu e Passeron (1992) destacam a ação pedagógica como um dos agentes da violência simbólica por meio do conteúdo da mensagem transmitida e o poder que instaura a relação pedagógica exercida por autoritarismo.

Perceber como vivem todos os envolvidos em uma comunidade escolar, além de avaliar os locais (bairros e comunidades) no entorno desta, é importante fator de compreensão das situações de violência que se manifestam intramuros da escola. Desta forma analisando os registros de ocorrências da Polícia Militar do Pará, por meio do

Comando de Policiamento Regional (CPR III/PMPA), nos bairros Jaderlândia e Centro, onde se localizam respectivamente as escolas pública e particular, observa-se que a localização da primeira, corresponde á área com maiores números de violência física, furtos e roubos no ano de 2014 (Tabela 3.1).

Tabela 3.1: Quantidade de ocorrências policiais registradas nos Bairros de Jaderlândia e Centro nos anos de 2013 e 2014 – Município de Castanhal/PA.

Delito	Centro		Jaderlândia	
	2013	2014	2013	2014
Furto	490	1039	81	225
Roubo	625	235	575	652
Homicídio	9	4	24	33
Lesão Corporal	42	45	75	64
Roubo seguido de Morte	-	-	4	2
Trafico de Drogas	13	10	40	50

Fonte: PMPA/CPR III - Comando de Policiamento Regional III – 2015 (adaptado)

A violência escolar, que deveria ser tratado como uma questão pedagógica chega muitas vezes ao ponto de transformar-se em casos de polícia e a presença física do policial já se tornou um fato corriqueiro nas grandes cidades e sob essa constatação foi feita a seguinte pergunta aos gestores: A equipe gestora possui contato de acionamento da polícia militar (PM)?

A confirmação foi unânime entre os gestores das duas escolas. De acordo com os gestores da escola pública, têm-se que:

“Temos o número do telefone dos policiais que costumam visitar a escola, além de um número de *whatsapp*” (GEPU 1).

“complementa que “nos últimos anos essa parceria tem sido muito boa” (GEPU 4).

“Temos também a parceria da polícia em atividades na escola, como em palestras” (GEPU 1).

É importante destacar que na escola pública ocorre uma maior interação entre escola e polícia e também onde esta é mais vezes acionada. Problemas como “assaltos em frente à escola” e “dentro das dependências da escola” possuem vários registros e vale ressaltar que a maioria das ocorrências se deu no turno da manhã. Conforme dados

obtidos junto a Seccional de Polícia Civil de Castanhal 171 - 3º RISP - Região Integrada de Segurança Pública, diversos boletins de ocorrência já foram realizados pela Direção da Escola Pública.

Conforme informações os gestores da escola pública:

“as visitas dos policiais militares são preventivas, como forma de resguardar a comunidade escolar de possíveis ações violentas, às vezes solicitadas pela escola e outras da própria iniciativa da PM” (GEPU 1).

Não é incomum esse contato entre escola e polícia, um bom exemplo dessa parceria é o programa da Polícia Militar para as escolas no combate á violência e ao uso de drogas - O Programa Educacional de Resistência às Drogas – PROERD, uma adaptação brasileira do programa norte-americano D.A.R.E. (Drug Abuse Resistance Education) criado em 1983 nos Estados Unidos.

No Município de Castanhal o PROERD tem sua atuação desde 2008 que tem como lema o dizer "Preparando nossas crianças para um mundo melhor, sem drogas", Nos anos de 2014 e 2015, o PROERD atua na cidade em parceria com o Centro de Referência da Assistência Social – CRAS e desenvolve um trabalho preventivo com crianças e adolescentes no combate ao uso de drogas, em parceria com escolas municipais e estaduais. Durante os anos de 2012 e 2013, o PROERD realizou atividades na Escola Pública da pesquisa, atendendo no primeiro ano, 160 alunos do 7º e 8º ano e no ano seguinte 120 alunos do 6º e 7º ano.

Sobe a atuação do PROERD na Escola Pública, destaca-se que:

“Obteve excelente aceitação por todos os atores envolvidos (alunos, professores e gestores) e se tornou um grande aliado da escola como um todo, apesar de ser aplicado apenas uma vez na semana, possui excelente didática (material e linguagem e também excelente atuação dos profissionais (linguagem, postura, disciplina).O que faltou foi mais divulgação do programa no espaço interno da escola, para as demais turmas e turno” (GEPU 2).

O GEPU 3 ressaltou que houve pouca resistência por parte da equipe gestora e de professores da escola e muita empolgação dos alunos com o momento da formatura e a certificação. Também mencionou que o programa alcançou o objetivo esperado com quase metade do público atingido. Foi mencionada pelo GEPU 5, a falta de continuidade do programa na escola, como forma de reforçar o processo de acompanhamento dos alunos junto às famílias, destacando também a ‘*participação discreta*’ dos pais em todo o processo.

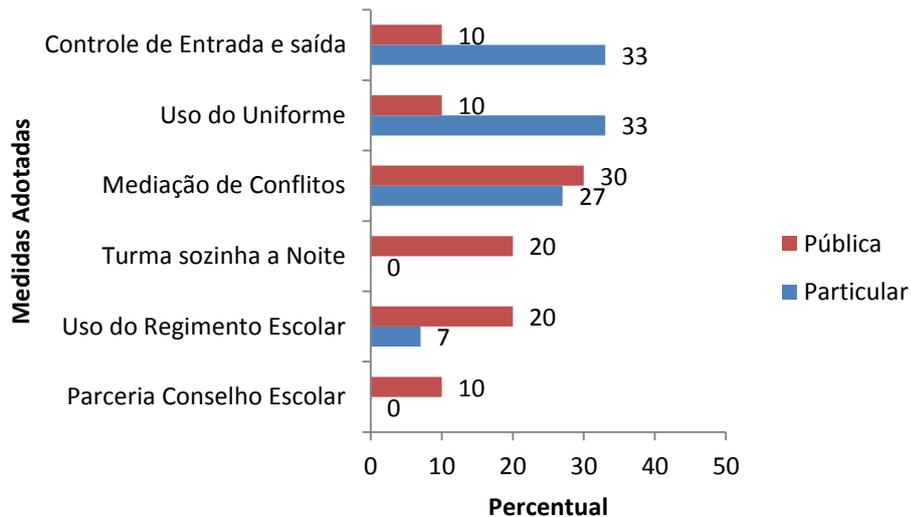
O GEPU 4 declarou que:

“a presença do polícia é importante, pois tende a afastar malfeitores do portão da escola e nós ficamos mais tranquilos e a escola mais segura”.

As ações da gestão para coibir a violência, nas escolas pesquisadas, foram identificadas com base nos documentos analisados, nas entrevistas e levando-se em consideração as respostas dos questionários a seguinte pergunta: Quais as estratégias e ações implementadas em relação a violência?

Pelas análises, dos relatos e dos registros e seguindo os procedimentos que constam no regimento das duas escolas, como exemplo de medidas adotadas na prevenção dos atos de violência, demonstradas aqui pela Figura 3.4, observa-se a mediação de conflitos (convocação dos pais, acionamento do conselho tutelar), porém as medidas de correção e a punição também são utilizadas com muita frequência no dia a dia dos registros de ocorrência, por meio da aplicação do Regimento Escolar que também é uma das medidas perceptíveis.

Figura 3.4: Percentual das Percepções dos Gestores em relação as Medidas adotadas na prevenção da violência nos anos letivos de 2014 e 2015 nas Escolas Publica e Particular de Castanhal



Percebe-se que na Escola pública as ações de prevenção à violência constam de atividades que proporcionam diálogos para sensibilização dos alunos. Pois, foi destacado pelo GEPU 1 ao ser questionada sobre as medidas realizadas na administração da violência na escola que:

“Nós realizamos debates em sala de aula sobre o assunto, palestras e conversas com a participação de pais, alunos e sociedade”.

Para o GEPU 3:

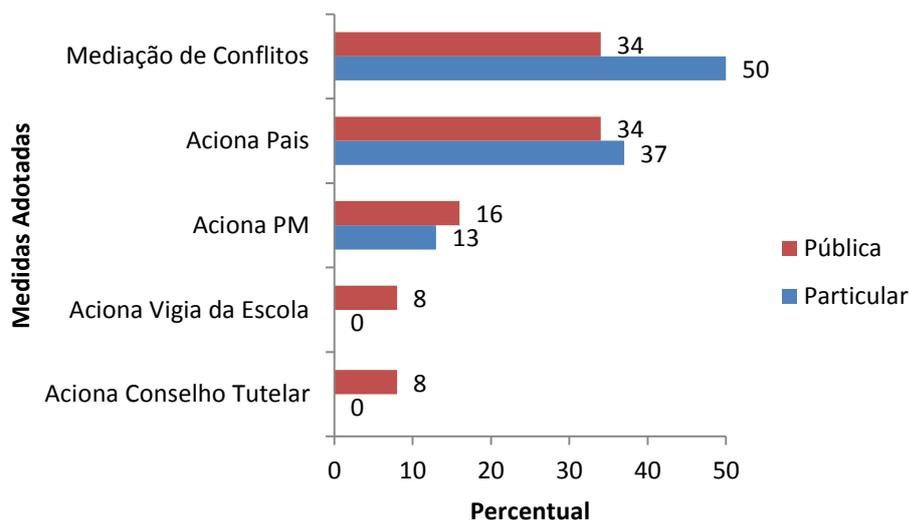
“as ações da gestão mais eficazes para combater as situações de violências no ambiente escolar são estas realizadas com a parceria entre escola e comunidade”.

Já na Escola Particular, além dessas ações de prevenção com o envolvimento da comunidade escolar também utiliza tecnologias como apoio na prevenção da violência, e as câmeras de vigilância já estão presentes na escola. Conforme informações do GEPA 1:

“Um moderno sistema de segurança foi implantado na escola, Que identifica o aluno por meio de um chip em carteirinhas de estudante, através de sensores de presença, avisando os pais no momento da entrada e saída da escola e bloqueando a sua saída sem autorização dos responsáveis”.

Na Figura 3.5 encontram-se os resultados em relação as medidas que foram adotadas na intervenção imediata dessas violências.

Figura 3.5: Percentual das Percepções dos Gestores em relação as Medidas Imediatas tomadas na resolução da violência pelas escolas nos anos letivos de 2014 e 2015 nas Escolas Publica e Particular de Castanhal



Avaliando o resultado das medidas imediatas adotadas pela gestão de ambas as escolas, nota-se pelas respostas que predominaram, tanto na pública, quanto na particular o acionamento dos pais e medidas internas, tomadas pela gestão.

O GEPU 1 afirmou que:

“Primeiro tenta-se resolver dentro da escola e só depois é acionado os pais. Como última medida o conselho tutelar e a PM”.

De acordo com os gestores muitas destas soluções não foram eficientes para a diminuição das ocorrências. Os gestores da Escola Pública declaram que:

“Sobre o uso do uniforme, ainda não obtivemos o efeito desejado” (GEPU 2).

“Até então a exigência do uso do uniforme ainda não surtiu efeito, pois a maioria ainda não adquiriu” (GEPU 4).

“Foi muito positiva a presença da PM na escola” (GEPU 3).

Na declaração do GEPU 1, as medidas apesar de não atingirem o desejado, provocaram mudanças, reduzindo os níveis de violência dentro da escola:

“Fazendo comparações com anos anteriores os casos de violência diminuíram consideravelmente no interior da escola, no entanto, no externo da escola a situação de violência é enorme” (GEPU 1).

Porém, somente medidas coercitivas não irão exterminar a violência na escola. O GEPU 2, destacou ser

“fundamental a participação dos pais e uma aproximação maior com os alunos, mantendo o espaço escolar acessível ao diálogo”.

É importante a escola ter a percepção que alguns casos podem servir como forma de desencadear medidas para a solução do problema, fatos estes que podem transformar o ocorrido em uma situação educativa.

Perguntadas como percebem a violência escolar a maioria dos gestores, tanto da escola pública como da particular associam os comportamentos violentos manifestados na escola com a violência externa, destacando principalmente os estilos de vida desregrados dos jovens junto às famílias.

Para o GEPA 1:

“A violência na escola não é um problema novo, mas tem se agravado com o passar do tempo. O avanço tecnológico e as redes sociais de uma certa forma ajudam no aumento da violência. Percebo também que alguns valores culturais da sociedade estão se perdendo, uma vez que a falta de educação em casa, a proteção excessiva dos pais, o abuso ou violência doméstica e a influência negativa de más companhias favorecem para a criação de uma geração mais violenta”.

Atos de violência e indisciplina nas escolas são na maioria dos casos atribuídos a fatores externos, como a ausência da família na educação e a falta de disciplina em casa. Porém ao direcionar a culpa para os pais ou para a situação do aluno fora da escola, os educadores findam por se esquivar de sua participação como um culpado também do problema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender como gestores percebem a ocorrência da violência no ambiente escolar e as ações utilizadas no seu combate. Entender a violência como um fenômeno que também atinge as escolas e sua relação com a realidade social é importante na construção de ações à prevenção e controle da violência na escola.

A partir dos dados da pesquisa pode concluir que atos de violência já foram presenciados por gestores tanto da escola pública quanto da privada, sendo a violência verbal superior à violência física, tanto nos registros de ocorrências como também na percepção dos gestores de ambas as escolas.

Nos registros das escolas, as ocorrências mais repetidas no cotidiano das duas escolas referem-se a ‘indisciplinas’ dos alunos e em segundo, as ameaças e *bullying*.

Para os gestores da escola pública existe a predominância da percepção da violência verbal (Ameaça e *bullying*). Enquanto que nos registros da escola pública a percepção dos gestores é de que ocorre mais a violência verbal (Ameaça) e o roubo.

Já para a equipe gestora da escola particular as formas de violência mais perceptíveis e mais presentes no ambiente da escola são: Violência verbal (Ameaça e *bullying*) e física (agressão), confirmando os dados das ocorrências registradas na escola.

Avaliando o resultado das medidas imediatas adotadas pela gestão de ambas as escolas, nota-se pelas respostas que predominaram, tanto na pública, quanto na particular o acionamento dos pais e medidas internas, tomadas pela gestão. Com destaque pra mediação de conflitos (convocação dos pais, acionamento do conselho tutelar), porém as medidas de correção e a punição também são utilizadas com muita frequência no dia a dia dos registros de ocorrência, por meio da aplicação do Regimento Escolar que também é uma das medidas perceptíveis.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Mirian (org). **O bê-a-bá da intolerância e da discriminação**. Brasília, DF: Unicef, 2002.

_____. **Violência nas escolas: situação e perspectiva**. Boletim 21, Brasília/DF, 2005.

BUSSAB, W.; MORETTIN, P., **Estatística Básica**, 8.ed., Saraiva, 2013.

BRANDT, Joice **Violência simbólica: uma reflexão acerca do habitus docente**. UNIVATES. Lajeado. 2014.

BRASIL. **Lei Nº 13.185 de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying). 2015.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

CARVALHO, Maria do Socorro Figueiredo Machado. **Violência escolar: a percepção dos alunos e professores diante da violência na escola**. Lisboa, 2014.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2008.

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios**. 6.ed., São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

MARRA, Célia Auxiliadora dos Santos. **Violência Escolar: a percepção dos atores escolares e a repercussão no cotidiano da escola**. 1ª ed. São Paulo: Annablume, 2007.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica**. 5.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2010. 312p.

MEC. Ministério da Educação. **Saiba Mais - Programa Mais Educação**. 2016.

MONTEIRO, Tamires Alves; SARAVALI, Eliane Giachetto. “Crenças sobre violência: um estudo brasileiro a partir do referencial piagetiano”. **Avances en Psicología Latinoamericana**. v. 33.2, p. 189-201, 2015.

ROSA. Maria José Araujo. **Violência no ambiente escolar: refletindo sobre as consequências para o processo ensino aprendizagem**. Itabaiana: GEPIADDE, Ano 4, v. 8, jul-dez, 2010.

RUOTTI, Caren; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola : um guia para pais e professores.** São Paulo: Andhep: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 264p.

SANTANA, Taciana Fenili de. **Um breve estudo sobre a violência escolar e as políticas públicas correlatas na formação continuada dos professores.** Dissertação apresentada ao programa de Pós-graduação em Políticas Públicas do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá. Maringá 2014.

SILVA . Geane de Jesus. **Bullying: quando a escola não é um paraíso.** Mundo Jovem, n. 364, p. 2-3, março 2006,.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do & MATTOS, Maria José Viana Marinho de (Orgs.). **Violência e Educação: a Sociedade Criando Alternativas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 236p.

CAPÍTULO 3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A violência é hoje uma das principais preocupações da sociedade. Violências existem de tipos diversos e que ocorrem em todos os lugares. Assim o mundo convive hoje com a violência familiar, conjugal, contra a mulher, a criança, as pessoas deficientes, ao negro, ao imigrante, àquele com orientação sexual diferente, também se manifesta a violência das instituições e a escola não ficou isenta desse fenômeno.

Os casos de violência no ambiente escolar no Brasil entraram em discussões de especialistas e passaram a ser temas de estudos principalmente a partir dos anos 80 do século passado, porém a visibilidade destas manifestações no ambiente escolar ganharam mais notoriedade com a modernização tecnológica dos meios de comunicação, onde redes sociais e a mídia em geral passou a mostrar imagens de agressões e outras manifestações violentas relacionadas as escolas.

A violência escolar de forma geral, pode se apresentar em vários tipos, que se resumem em: a violência *na* escola, violência *à* escola e a violência *da* escola, que se reproduzem dentro do espaço escolar, ligadas ou não a natureza da instituição e que se modifica em função do estabelecimento escolar e do status de quem a produz. Dessa forma, alunos, professores e funcionários cada vez mais convivem com atos violentos.

Detectou-se na pesquisa apresentada a partir da percepção dos gestores que a violência verbal e as incivildades, que se constituem nas pequenas violências do dia a dia, crescem no ambiente escolar, porém a violência física também foi observada nos registros das escolas.

É importante investigar a causa do fenômeno e suas formas para tentar uma solução pra o problema da violência, também não adianta tentar identificar culpados, rotulando esse ou aquele aluno, um pai ou outro, sem buscar soluções para tal comportamento.

Esforço coletivo, tanto envolvendo recursos econômicos, quanto mudanças nas formas de tratar a violência nos ambientes escolares é necessário para obtenção de bons resultados, pois é fundamental que a escola seja um ambiente seguro, com uma

convivência tranquila, onde a aprendizagem se realize de forma saudável. Dessa forma, uma ação conjunta, que envolva todos: escola, família, comunidade, órgãos públicos, organizações e sociedade em geral será mais eficaz para combater esse mal que é a violência.

Muitas escolas já conseguiram progressos na luta para combater esse mal, e um dos caminhos que obtiveram maior resultado para combater a violência escolar foi a parceria com a comunidade do entorno. Essa integração proporciona uma valorização do espaço da escola como espaço social, onde a comunidade possa usufruir respeitar e ser respeitada.

A integração entre a escola, o poder público em todas as suas instâncias, entidades civis, como as ONGs, na elaboração de medidas de prevenção contra as ações violentas, constitui estratégia fundamental para o debate e identificação de mecanismos de enfrentamento à violência na escola.

É importante que as iniciativas realizadas através de políticas e programas governamentais que promovam resultados positivos no que diz respeito a melhoria na educação e ao combate da violência nas escolas tenham continuidade, a exemplo do Mais Educação.

Idealizado pela UNESCO, o programa Mais Educação, sob o slogan: “Com Mais Educação, menos Violência Caminhos inovadores do programa de abertura das escolas públicas nos fins de semana”. De acordo com dados do Ministério da Educação e Cultura - MEC, as escolas públicas do município de Castanhal já haviam aderido ao programa .

O Programa consiste na construção de uma agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias (MEC, 2016). O objetivo é desenvolver atividades optativas nos macrocampos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

Parcerias com órgãos públicos, a exemplo da Polícia Militar por meio do PROERD, e das rondas escolares, trouxeram resultados importantes, conforme declarações dos gestores das escolas que também se manifestaram pela continuidade dessas ações que poderão trazer grandes benefícios no que se refere ao controle da violência e ao uso drogas.

A partir do que foi apresentado nesta pesquisa pôde-se refletir sobre o tema e assim perceber que este requer uma atenção especial de todos, pois a educação é fator essencial para o crescimento pessoal e coletivo. Assim a dissertação teve o intuito de contribuir nesta discussão, tão necessária para a busca de soluções dos conflitos que afetam a escola.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMOVAY, Mirian (org). O bê-a-bá da intolerância e da discriminação. Brasília, DF: Unicef, 2002.

_____. Violência nas escolas: situação e perspectiva. Boletim 21, Brasília/DF, 2005.

AMARAL, P. et al. Programa Municípios Verdes.. **Imazon - Indicadores Municipais** – Castanhal, 2012.

BRASIL. **Lei Nº 13.185 de 6 de novembro de 2015**. Institui o Programa de Combate à Intimidação Sistemática (Bullying), 2015.

BAHIA, Maria Lúcia GARVÃO, Rodrigo Fraga. **Castanhal-pa: um estudo avaliativo da “cidade modelo” no nordeste paraense**. Cairu em Revista. Ano 04, n. 6, p. 3-5-46, Jun/Jul 2015.

BRANDT, Joice *Violência simbólica: uma reflexão acerca do habitus docente*. UNIVATES. Lajead. 2014.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas Públicas de Saúde. **Violência intrafamiliar: orientações para a prática em serviço**. Brasília: Ministério da saúde, 2001.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 10.ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. 3.ed., Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: F. Alves, 1975.

BUSSAB, W.; MORETTIN, P., **Estatística Básica**, 8.ed., Saraiva, 2013.

CARVALHO, MSF Machado. **Violência escolar: A Percepção Dos Alunos e professores diante da violência na escola**. Dissertação apresentada para a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Instituto de Educação. Lisboa. 2014.

CAMACHO, Luiza Mitiko Yshiguro. As sutilezas das Faces da Violência nas Práticas Escolares de Adolescentes. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 123-140, jan./jun. 2001.

CARVALHO, Virgínia Donizete de; BORGES, Livia de Oliveira; REGO, Denise Pereira do. Interacionismo simbólico: origens, pressupostos e contribuições aos estudos em Psicologia Social. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], Brasília, v. 30, n. 1, p. 146-161, 2010.

CHARLOT, Bernard et al. A violência na Escola: Como os Sociólogos Franceses Abordam Essa Questão. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 8, n. 4, p. 432-443, jul/dez. 2002.

CHRISPINO, Álvaro. *Gestão do Conflito Escolar: Da Classificação dos Conflitos aos Modelos de Mediação. Ensaio: Avaliação Política Pública Educacional*, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, p. 11-28. 2007.

CHRISPINO, A.; DUSI, M. L. H. M. **Uma proposta de modelagem de política pública para a redução da violência escolar e promoção da cultura da paz.** Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação, Rio de Janeiro, v. 16, n. 61, p. 597- 624, out./dez. 2008.

DAHLBERG, Linda L. and KRUG, Etienne G. **Violência: um problema global de saúde pública.** *Ciênc. saúde coletiva* [online]. v. 11, p. 1163-1178., 2006.

DEBARBIEUX, Éric; BLAYA, Catherine. *A violência nas escolas: dez abordagens europeias.* Brasília: UNESCO, 2002, 268p.

_____ **La violence en milieu scolaire: le dÈsordre des choses.** Paris: ESF Èditeur, 1999.

_____. **A Violência na Escola Francesa: 30 Anos de Construção Social do Objeto (1967-1997).** Trad. de Maria de Fátima Simões Francisco. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 27, n. 1, p. 163-193, jan./jun. 2001.

FALEIROS, Vicente de Paula; FALEIROS, Eva Silveira. **Escola que protege: enfrentando a violência contra crianças e adolescentes.** Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2.ed., 2008.

FERRO, Juliane Pivetta. **Violência escolar em foco: percepções e encaminhamentos de professores e gestores.** Paranaíba, MS: UEMS, 2013. 98f

FERREIRA, Naura Syria Carapeto. **Gestão democrática da educação: atuais tendências, novos desafios.** 6.ed., São Paulo: Cortez, 2008.

FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa.** 2.ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. 1838 p.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social / Antonio Carlos Gil.** - 6. ed. - São Paulo : Atlas, 2008.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4.ed., São Paulo: Atlas, 2007.

HOUAISS, Antonio. **Novo Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa.** Ed. Objetiva. 2009.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica: ciência e conhecimento, métodos científicos, teoria, hipóteses e variáveis, metodologia jurídica.** 5.ed., rev. ampl. São Paulo: Atlas, 2010. 312p.

MARQUES, Maria de Fátima. **Indisciplina ou violência?** As marcas nas escolas de Arapongas e Apucarana-Pr. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 2014.

LOUREIRO, Ana Carla Amorim Moura; QUEIROZ, Sávio Silveira De. A Concepção de Violência Segundo Atores do Cotidiano de Uma Escola Particular – Uma Análise Psicológica. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 25, n. 4, p. 546-557, 2005.

MICHALISZYN, Mário Sérgio; TOMASINI, Ricardo. **Pesquisa: orientações e normas para elaboração de projetos, monografias e artigos científicos**. Petrópolis: Vozes, 2011.

MICHAUD, Yves. **A Violência**. São Paulo: Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 29.ed., Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

OLIVEIRA, Eduardo Augusto Moscon. **A violência no entorno de escolas públicas: direito a educação e segurança pública**. In: CONGRESSO IBERO-AMERICANO DE POLÍTICA E ADMINISTRAÇÃO DA EDUCAÇÃO, 2, 2011, São Paulo: ANPAE. p.1-10, 2011.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 3.ed., Petrópolis: Vozes, 2010.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Enfrentamento à violência na escola** – Curitiba: SEED – Pr., (Cadernos temáticos dos desafios educacionais contemporâneos). p. 172, 2010.

PORTO, Maria Stela Grossi. **Violência e meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea**. *Sociologias* [online], n. 8, p. 152-171, 2002.

ROSA, A. R. **(O) Braço forte, (a) mão amiga**: um estudo sobre a dominação masculina e violência simbólica em uma organização militar. Lavras: UFLA, 2007.

RUOTTI, Caren; CUBAS, Viviane de Oliveira. **Violência na escola : um guia para pais e professores**. São Paulo : Andhep : Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006. 264p.

SANTOS, Tania Steren dos. **Do artesanato intelectual ao contexto virtual: ferramentas metodológicas para a pesquisa social**. *Sociologias* [online]. n. 22, p. 120-156, 2009.

SILVA . Geane de Jesus. **Bullying: quando a escola não é um paraíso**. Mundo Jovem, n. 364, p. 2-3, março 2006.

SINGH, Simon. *Big Bang*. O que é ciência? Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2006.

ROSENFELD, Sandra. O mal da violência verbal. Sociedade Brasileira de Coaching. 2015.

SANTANA, Taciana Fenili de. **Um breve estudo sobre a violência escolar e as políticas públicas correlatas na formação continuada dos professores.** Maringá, 2014.

SILVA, Aída Maria Monteiro. **A violência na escola: a percepção dos alunos e professores.** Série Idéias, n. 28. 253-267. São Paulo: FDE, 1997.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a Pesquisa Qualitativa em Educação – O Positivismo, A Fenomenologia, O Marxismo.** 5 ed. 18 reimpr. São Paulo: Atlas, 2009. 175p

UNESCO. **Cotidiano das escolas: entre violências** / Coordenado por Miriam Abramovay. – Brasília:, Observatório de Violência, Ministério da Educação, 2005. 404 p.

VALLE, Luiza Elena L. Ribeiro do; MATTOS, Maria José Viana Marinho de (Orgs.). **Violência e Educação: a Sociedade Criando Alternativas.** Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011. 236p.

VERONESE, Josiane Rose Petry; COSTA, Marli Marlene Moraes da. **Violência doméstica: Quando a vítima é criança ou adolescente.** Florianópolis: OAB/SC, 2006.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2015: Mortes matadas por armas de fogo.** Centro Brasileiro de Estudos Latino- Americano – CEBELE. Brasília, 2015.

WASELFISZ, J. J. **Mapa da violência 2013: Mortes matadas por armas de fogo.** Centro Brasileiro de Estudos Latino- Americano – CEBELE. Brasília, 2013.

APÊNDICE

APÊNDICE A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado (a) para participar da pesquisa intitulada PERCEPÇÃO DA VIOLÊNCIA SOB A ÓTICA DA GESTÃO ESCOLAR: UMA ANÁLISE COMPARATIVA ENTRE A ESCOLA PÚBLICA E PRIVADA, sob a responsabilidade do pesquisador RAIMUNDO ROBERTO SANTOS FRANÇA

Nesta pesquisa busca-se entender a Percepção da violência sob a ótica da gestão escolar em duas escolas do Município de Castanhal- Pará com o objetivo de realizar um comparativo entre a escola Pública e privada.

Em nenhum momento você será identificado. Os resultados da pesquisa serão publicados e ainda assim a sua identidade será preservada.

Você não terá nenhum gasto e ganho financeiro por participar na pesquisa.

Você é livre para deixar de participar da pesquisa a qualquer momento sem nenhum prejuízo ou coação.

Uma via original deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ficará com você.

Qualquer dúvida a respeito da pesquisa, você poderá entrar em contato com o autor da pesquisa RAIMUNDO ROBERTO SANTOS FRANÇA através do telefone..... ou email.....

Data

Assinatura do pesquisador

Eu aceito participar do projeto citado acima, voluntariamente, após ter sido devidamente esclarecido.

Participante da pesquisa

APÊNDICE B.- QUESTIONÁRIO APLICADO AOS GESTORES DAS DUAS
ESCOLAS PESQUISADAS.

IDENTIFICAÇÃO:

Sexo: _____ Idade: _____

Escola: _____

Formação: _____

Tempo de Serviço na Educação _____

Tempo de Serviço na Escola _____

1. Qual a função que desempenha na gestão escolar?
 - () diretor
 - () Vice-diretor
 - () Coordenador Pedagógico
2. Quais as formas apresentadas no ambiente interno da escola?
 - () agressão física
 - () Roubo
 - () Furto
 - () Bullying
 - () Ameaças
 - () homicídios
 - () Drogas.
3. Existem registros de violência no ambiente interno da Escola?
 - () Sim
 - () Não
4. Em que nível de escolaridade são mais frequentes os registros de violência?
 - () Nível fundamental
 - () Nível médio
5. Que medidas foram adotadas na mediação imediata dos conflitos?
 - () Acionamento da PM (Polícia Militar).
 - () Acionamento dos pais
 - () Acionamento do conselho tutelar
 - () Acionamento do vigia da escola

- () Mediação realizada pela própria gestão.
6. A equipe gestora possui contato de acionamento a Polícia Militar?
 7. Quais as estratégias e ações implementadas pela escola em relação a violência?
 8. Tais estratégias e ações têm trazido resultados na administração da violência?
 9. Como membro integrante da gestão de sua escola, como você percebe e entende atualmente a violência na escola?